

UNIVERSIDADE

públi

MAIO_JUN /2011
ano 11. nº61

Envelopamento autorizado, pode ser aberto pela E.C.T.

IMPRESSO

Uma década saudável

Cursos de Medicina da UFC instalados em Barbalha e em Sobral completam dez anos marcados pela transformação da assistência à saúde no Interior cearense

Segurança

Casos de violência dentro do campus obrigam comunidade universitária a mudar hábitos

Cultura

Museu de Arte da UFC faz 50 anos revisitando trajetória e inaugurando sala com obras estrangeiras

PREFEITURA TRABALHANDO PRA VOCÊ.



Melhorando a infraestrutura em toda a cidade.

Mais de 80 quilômetros de ruas e avenidas vêm sendo ampliadas e recuperadas. A Av. Bezerra de Menezes, por exemplo, ganhou nova pavimentação, calçadas padronizadas e um túnel pra reduzir os engarrafamentos. A Prefeitura também está reformando os terminais de ônibus, criando novos corredores pra agilizar a circulação do transporte público e acabando com vários pontos de alagamento por toda a cidade.

Hospital da Mulher. Mais uma obra inovadora em Fortaleza.

São 70 mil metros quadrados de um equipamento que vai ter a mesma estrutura dos melhores hospitais do Brasil. Os dois primeiros blocos do Hospital da Mulher, onde as pacientes terão acesso ao pronto atendimento, consultórios, laboratórios, enfermaria, 8 centros cirúrgicos e uma UTI neonatal, já estão praticamente prontos. E os outros dois blocos, onde vai funcionar toda a estrutura de manutenção do hospital, estão em fase avançada de construção.



Um dos maiores projetos de requalificação urbana do Brasil.

Com o projeto Vila do Mar, toda a região que fica entre o Pirambu e a Barra do Ceará está recebendo uma infraestrutura completa com a construção de mais de cinco quilômetros de orla, novo calçadão, ciclovia, anfiteatro, iluminação pública, rede de drenagem, 14 quadras, 7 praças e quiosques padronizados. Em 2012, quando tudo estiver concluído, mais de 300 mil pessoas serão beneficiadas.

Maior programa de habitação popular da nossa história.

Mais de 4 mil casas populares já foram entregues beneficiando 25 mil pessoas em toda a cidade. E a Prefeitura continua trabalhando em ritmo acelerado pra entregar outras 5 mil casas até 2012. Habitações com dois ou três quartos, sala, cozinha, banheiro, varanda, instalações elétrica e hidráulica, água encanada e tudo que a nossa gente precisa pra viver com dignidade.



Mais tecnologia, conforto e segurança no novo PV.

Além de reforçar a estrutura do Estádio Presidente Vargas, a Prefeitura ampliou tudo no novo PV. Agora são 18 entradas, 16 rampas de acesso, 20 banheiros novinhos e uma cobertura pra abrigar a imprensa, os camarotes e as cadeiras cativas. Sem falar que o novo PV também oferece alambrado de vidro inquebrável como nos melhores estádios do mundo.



Prefeitura de
Fortaleza



Prefeitura trabalhando pra você. Juntos, construindo a Fortaleza Bela.

Ser independente é
fazer as suas escolhas.

Um espaço para conhecer novas ideias e expressar o que
você pensa: tem um banco diferente que liga tudo isso no

eufacoacontecer.com.br

Onde TODA forma de independência vale a pena.

Onde SUA independência vale a pena.



BANCO DO PAULO



todo seu

Central de Atendimento BB 4004 0001 ou 0800 729 0001 • SAC 0800 729 0722 • Ouvidoria BB 0800 729 5678
Deficiente Auditivo ou de Fala 0800 729 0088 ou acesse bb.com.br @eufacoacontecer /bancodobrasil

UNIVERSIDADE
pública

Revista de valorização e promoção da
produção científica, tecnológica e cultural
da UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.

Reitor
Prof. Jesualdo Pereira Farias
Vice-Reitor
Henry Campos

Reitoria
Av. da Universidade, 2853
60020-181 - Fortaleza - CE
Fone: (85) 3366.7300
Internet: www.ufc.br
E-mail: reitor@ufc.br

Coord. de Comunicação Social
e Marketing Institucional
Paulo Mamede
Fone: (85) 3366.7319
E-mail: ufcinforma@ufc.br

Assessor de Comunicação Institucional
Italo Gurgel
Fone/Fax: (85) 3366.7328

Revista Universidade Pública
Av. da Universidade, 2853
Benfica - Fortaleza - Ceará
CEP: 60020-181
Fone: (85) 3366.7319
revistaufc@gmail.com

Editor
Gustavo Colares/CE1861JP

Reportagens
Cristiane Pimentel/CE01863JP
Gustavo Colares/CE1861JP
Hébely Rebouças/CE2180JP
Raquel Chaves/CE01286JP

Fotos
Davi Pinheiro
Júnioranela/CE00100RF

Direção de Arte
Diego Normandi

Diagramação
Diego Normandi
Pedro Grangeiro

Revisão
Maria das Dores de Oliveira Filgueira
Sílvia Marta Costa

Tiragem
7.500 exemplares

Periodicidade
Bimestral

CTP e impressão
Expressão Gráfica

Do cuidar do corpo e da alma

Esta edição de *Universidade Pública* comemora dois bons motivos. Primeiro porque há dez anos foram instalados os cursos de Medicina da UFC em Barbalha, na região do Cariri, e em Sobral, zona norte do Estado. As duas graduações representam o início do processo de expansão da Instituição pelo Interior cearense, ampliado mais fortemente desde 2007, através do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni).

Para contar a trajetória, entre percalços e conquistas, de uma década de atividades marcada pela transformação da assistência à saúde no Interior do Estado, a repórter Cristiane Pimentel viajou até Barbalha e Sobral, onde passou seis dias em contato com professores, estudantes e usuários da rede de saúde pública desses municípios. A partir da página 15, o leitor conhecerá alguns projetos de extensão e de pesquisa que vêm mudando, para melhor, a vida dos que vivem no sul e no norte do Ceará.

O Museu de Arte da UFC (MAUC) é o segundo motivo de festejo. Agora em junho, o equipamento completa 50 anos. E com uma novidade de encher os olhos e revigorar a alma dos apreciadores das artes plásticas: a inauguração da sala permanente de Arte Estrangeira, com obras de Picasso, Miró, Rembrandt e outros renomados pintores e gravuristas internacionais, que agora se juntam ao legado deixado pela nata da arte cearense e nordestina, presente no MAUC desde sua inauguração.

Ainda na *UP* nº 61, discutimos o recente cenário de violência que se abateu nos campi universitários de todo o País. Atenta a essa nova realidade, a Administração Superior da UFC tomou algumas medidas preventivas e vem discutindo novas ações a fim de evitar ocorrências mais graves. Na reportagem de Hébelly Rebouças, estudantes e pesquisadores opinam sobre os caminhos a serem adotados pela Universidade para resguardar a segurança de quem a frequenta, sem deixar de lado o sentimento de liberdade tão caro à comunidade acadêmica.

Nesta edição, conversamos com o antropólogo português Miguel Vale de Almeida, que veio a Fortaleza participar da VIII Semana de Humanidades, onde palestrou sobre como Portugal conseguiu aprovar o casamento entre pessoas do mesmo sexo, em 2010. Coincidência ou não, a entrevista se deu no momento em que o Supremo Tribunal Federal (STF) reconhecia, por unanimidade, a união estável entre homossexuais como entidade familiar no Brasil. Nas páginas a seguir, o pesquisador traça um paralelo entre as conquistas e reivindicações dos LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) brasileiros e portugueses.

UP continua recebendo, através do e-mail cadastroup@ufc.br, endereços de professores da UFC, recém-contratados e veteranos, que desejam receber a publicação em suas residências. Permanecemos, ainda, abertos a sugestões de pautas e comentários sobre nossas reportagens.

Que a leitura desta edição seja enriquecedora. Até a próxima.

Gustavo Colares
EDITOR UP



NOSSA CAPA

Ilustração de
Diego Normandi

ERRATA

O medicamento Ritalina® (metilfenidato) não tem confirmada relação com o emagrecimento e é utilizado no tratamento do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade e da narcolepsia, diferentemente do que foi publicado no quadro "Números" da reportagem "Vai um remedinho aí?" (*UP* nº 60, pág. 15).



SUMÁRIO

UP. MAIO / JUN 2011

15 CAPA

DEZ ANOS DE BOA SAÚDE

Instalados há uma década, cursos de Medicina de Barbalha e de Sobral iniciaram a expansão da UFC para o Interior do Estado. Conheça pesquisas e atividades de extensão dessas graduações

7 ENTREVISTA MIGUEL VALE DE ALMEIDA

Antropólogo e ex-deputado que relatou a lei do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo em Portugal discute projetos de cidadania da população LGBT brasileira



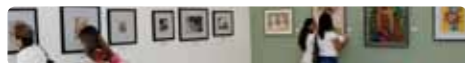
12



UM NOVO CAIS

Labomar monitora as obras de dragagem do Porto do Mucuripe, em Fortaleza. Cooperação técnico-científica visa à proteção do meio ambiente

24



ARTE CINQUENTENÁRIA

Museu de Arte da UFC comemora 50 anos inaugurando sala permanente de Arte Estrangeira. Picasso e Miró juntam-se a Bandeira, Cela...

28



PARA GOSTAR DE CIÊNCIA

Ao vencer edital do CNPq, Seara da Ciência une-se à Secretaria da Educação do Estado para organizar a V Feira Estadual de Ciências

32



ATÉ QUANDO?

Casos de violência obrigam Universidade a rever comportamentos. Administração Superior da UFC toma medidas para coibir novos crimes

ENTREVISTA

por Gustavo Colares

Por uma cidadania diversa

Segundo dados do Grupo Gay da Bahia, uma das mais respeitadas entidades da luta pela cidadania da população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) no Brasil, pelo menos 260 homossexuais foram assassinados em 2010 por motivação homofóbica. Em relação a 2009, esse número corresponde a 31% a mais nos crimes cometidos contra a livre orientação sexual, a favor do ódio.

A visibilidade conquistada pelos LGBT ao longo das décadas, principalmente desde a rebelião do bar Stonewall Inn, em 28 de junho de 1969, em Nova York (EUA) – marco dos movimentos modernos em defesa dos direitos civis LGBT –, levou o debate sobre a diversidade de gênero para dentro de organismos governamentais e da academia, a despeito de setores conservadores, quase sempre ligados a crenças religiosas. Concordando ou não, os LGBT existem.

No último dia 5 de maio, quando o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu a união estável entre pessoas do mesmo sexo como uma entidade familiar no Brasil – e não um mero contrato patrimonial –, à luz dos princípios básicos da dignidade humana, da igualdade, da liberdade, da proibição de atos discriminatórios e da proteção à segurança jurídica, contidos na Constituição Federal, *Universidade Pública* conversou com o antropólogo português Miguel Vale de Almeida, do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

Almeida, que veio a Fortaleza para uma conferência durante a VIII Semana de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, é também um renomado ativista em prol da cidadania da população LGBT em Portugal. Sua trajetória militante o conduziu a ser deputado da Assembleia da República, que, em janeiro de 2010, reconheceu o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo no país ibérico. Foi para explicar os motivos que levaram uma nação de maioria que se diz católica a aprovar tal lei no Parlamento – e promulgado pelo Presidente Aníbal Cavaco Silva três meses depois – que o antropólogo veio à UFC.

Na entrevista a seguir, entre outros temas, Miguel Vale de Almeida traça um paralelo entre as conquistas e reivindicações dos LGBT brasileiros e portugueses, discute projetos atualmente debatidos no Brasil voltados para essa população – criminalização da homofobia e material didático enviado pelo Ministério da Educação às escolas com o objetivo de evitar o *bullying* homofóbico – e aconselha de que maneira o movimento LGBT brasileiro, que reúne mais de 5 milhões de pessoas, todos os anos, em paradas do orgulho gay pelo País, deve encaminhar suas demandas junto à classe política nacional.

MIGUEL VALE DE ALMEIDA



UP – Na década de 1990, seu estudo acadêmico estava voltado para a masculinidade, dentro da área da pesquisa de gênero. Como iniciou a investigar as questões LGBT?

Miguel Vale de Almeida – Começou em 2005, apenas recentemente me voltei às questões relacionadas à sexualidade, especificamente LGBT. E por uma razão muito simples: por conexão entre minha atividade acadêmica e o meu ativismo. Eu sempre vinha escrevendo publicamente sobre questões LGBT como ativista, mas muitas vezes também como antropólogo especialista em gênero, já que a partir da Antropologia eu poderia dizer alguma coisa sobre a ansiedade de mudar as leis que envolvem essa população, sem dúvida. Em 2005 surgiu a questão do casamento civil gay na Espanha, então pensei que seria importante ir até lá fazer uma investigação a respeito de como o debate público sobre o assunto ocorria naquele país, de que forma diferentes posições da sociedade agiam sobre o assunto e como o ativismo espanhol estava a lidar com o tema. Realizei esse trabalho de campo, durante alguns meses, em Barcelona, e quando retornei a Portugal comecei rapidamente a escrever o livro “A Chave do Armário”, com o objetivo de dar alguma intervenção política sobre o assunto. Naquela altura, em Portugal, uma parte do movimento LGBT, a que pertencço, começava a investir muito no mesmo tema do casamento civil, fazendo dele a sua questão principal.

UP – Sua trajetória ativista levou o senhor, até o final de 2010, a ser deputado da Assembleia da República de Portugal. Como avalia essa experiência parlamentar?

MVA – Nos anos 1990, participei da fundação de um partido, o Bloco de Esquerda – que hoje tem representação parlamentar –, ao lado de pessoas vindas de várias áreas políticas que estavam mais ou menos frustradas com as políticas da esquerda em

meu país. Foi uma tentativa de fazer um partido à esquerda do Partido Socialista, que equivale ao Partido dos Trabalhadores brasileiro lá em Portugal. Naquela altura, ajudei a reforçar a agenda LGBT dentro desse partido. Mas, cerca de seis anos atrás, eu deixei esse partido, cansei por razões pessoais e ideológicas – achei que ele estava a radicalizar-se excessivamente – e fiquei sem atividade política oficial, apesar de sempre ter continuado como ativista, mas com uma característica especial. Meus amigos e amigas que fazem parte da associação a que pertencço, a ILGA Portugal (Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual e Transgênero), sempre quiseram que eu ficasse um pouco à parte dela, porque como eu tinha certa projeção como intelectual e acadêmico na sociedade, era importante eu cumprir essa tarefa e não ter um papel de associado. Sempre para fazer o papel do antropólogo que escreve para jornais, legitimando as questões da agenda LGBT. Nas eleições de 2009, o José Sócrates, atual Primeiro-Ministro, me convidou para ser candidato a deputado independente, dentro das listas, justamente para defender a questão do casamento civil gay. Era a questão que eu já ia colocar como novidade, procedendo de uma pressão social que estava por existir. De certa maneira, conseguimos o que queríamos: deixar de ser uma questão pertencente à extrema esquerda para passar a ser também da esquerda do governo. Senti-me na obrigação de aceitar. Ser deputado, claro, é um trabalho que não tem muito a ver com a academia, é bastante problemático para quem pensa em termos científicos, pois tudo é pragmático, negociável. Mas foi uma experiência muito boa porque conseguimos a lei do casamento civil e uma lei de identidade de gênero para a população trans.

UP – O senhor relatou o projeto de lei do casamento gay em Portugal. Em que outros projetos voltados à cidadania LGBT teve participação?



MVA – Também relatei o projeto da lei de identidade de gênero. O do casamento foi enviado pelo governo; como aqui no Brasil, alguns projetos são apresentados ao Parlamento pelos partidos, outros pelo governo. Mas com a lei de identidade de gênero aconteceu de outra forma. É uma lei que permite a alteração do nome e do sexo no registro civil sem ter de fazer cirurgia, sem ter de passar pelo processo de transição todo, apenas tendo o certificado de uma equipe multidisciplinar hospitalar dizendo que aquela pessoa tem diagnóstico de disforia de gênero e, portanto, a partir dali, tem como mudar a sua identidade oficial. Depois, se ela quiser fazer o processo todo de cirurgia, ou se quer ficar apenas com aspecto exterior ao do gênero oposto com que nasceu, mas sem mudar os genitais, é livre de fazer. A lei portuguesa era omissa em relação à mudança de sexo, cada caso tinha de ir aos tribunais. Então, a nova lei foi feita com muito cuidado, foi muito pensada, seguiu muito o modelo espanhol, mas já o ultrapassou e agora foi con-

“[Para transformar suas reivindicações em ações concretas] é importante que o movimento LGBT brasileiro consiga definir claramente uma questão central, em que se faça um marketing em torno dela.”

siderada a melhor lei do mundo por parte dos movimentos transexuais. Justamente porque segue os critérios de Yogyakarta, conferência que definiu os direitos das pessoas transexuais, embora continue a basear-se numa noção de que há uma perturbação da identidade de gênero. No entanto, há um segmento do movimento dos transgêneros, ao qual eu não pertencço obviamente, que é a favor da despsiquiatrização. Mas para nós era evidente que não podia ser já esse passo, pois temos um serviço nacional de saúde que felizmente funciona ainda muito bem e paga totalmente as despesas do processo de transição de sexo. Se os transgêneros não fossem classificados como uma perturbação, não teriam acesso aos hospitais públicos. Por isso, 90% do movimento trans concordou com essa condição da lei.

UP – Grande parte da população portuguesa é fiel à Igreja Católica, instituição reconhecidamente contra o avanço dos direitos LGBT. Como o país conseguiu aprovar essa reivindicação?

MVA – Vou dizer algo provocador: penso que Portugal e Espanha, e talvez até o Brasil, não são países católicos. São países onde a Igreja Católica é uma organização que tem muita força, onde as pessoas têm uma forma de crença e se auto identificam como católicas, mas onde isso é mais

uma descrição genérica semelhante a dizer “eu sou português”, “eu sou brasileiro” etc. Óbvio, há diferenças de pessoa para pessoa. Há uma tradição muito forte na Península Ibérica de anticlericalismo, que significa uma grande divisão entre obediência à Igreja e obediência a si próprio. Isto é, as pessoas dizem que são católicas, mas o são à sua maneira. É isso que permite as pessoas fazerem grande parte daquilo que a Igreja Católica diz que não se deve fazer, do ponto de vista moral. Elas guardaram do Catolicismo um conjunto de regras sobre o comportamento humano, mas depois privatizaram sua crença. Por isso que também foi fácil, ao fim de algum tempo, ganhar o referendo sobre o aborto, que foi legalizado em Portugal, por maioria esmagadora – que é esmagadoramente católica! De qualquer forma a Igreja reagiu, mas nosso discurso foi: liberdade significa “se vocês são contra uma determinada prática, vocês têm inteira liberdade de ser contra essa prática, por isso não faça. Se você não quer fazer aborto, não faça. E sendo contra, diga por quê e convença as pessoas por que é contra. Mas não podem impedir os outros de fazerem aborto”. Mesma coisa em relação ao casamento civil gay: a sociedade foi sensível a este argumento liberal. E é cada vez mais.

UP – Somente agora em 2011 a população LGBT brasileira passou a ter um deputado federal assumidamente gay para lutar por seus direitos no Congresso, o deputado Jean Wyllys (PSOL-RJ). O senhor tem acompanhado o debate das causas LGBT no Brasil?

MVA – Portugal e Brasil são muito diferentes. Nós temos é uma ilusão de que não são por causa da história comum e da língua. E a grande diferença está no sistema político. Portugal tem um sistema parlamentar simples – de uma só câmara – e partidocrático, isto é, o partido que ganha as eleições fica com o governo, com um programa em que todos os seus deputados estão comprometidos com

ele. É como um queijo, dividido em várias fatias, onde se sabe que esta fatia concorda com aquilo etc. A margem de independência e flutuação dos deputados é mínima, há uma disciplina partidária referente ao contrato que é feito com os eleitores no momento em que esse programa é colocado na campanha eleitoral. O sistema brasileiro é diferente, pois é mais fácil ver alianças transpartidárias, como, por exemplo, as evangélicas. Isso é uma consequência do modo de funcionamento do sistema político brasileiro – que é bom em muitas outras coisas, mas que faz com que seja difícil o avanço de determinadas causas. Eu estou convencido de que o Brasil, do ponto de vista da sociedade, já poderia perfeitamente ter um conjunto de leis [voltado para a população LGBT]. É um problema técnico do sistema político, com consequências políticas desagradáveis, infelizmente. Percebo que o problema é, sobretudo, esse.

UP – De que forma o movimento LGBT brasileiro pode transformar suas reivindicações em ações concretas no Congresso?

MVA – É importante que ele consiga definir claramente – e isso nós conseguimos fazer em Portugal, imitando a Espanha – uma questão central. Ou seja, não ser um movimento que fala de muita coisa, mas ter uma questão reivindicativa central, em que se faça um marketing em torno dela. Ser intransigente em relação a uma questão. Isso, em uma cultura midiática como a nossa, faz com que todos os partidos e os responsáveis políticos sejam obrigados a fazer qualquer coisa sobre o assunto. A partir do momento em que dizem qualquer coisa sobre o assunto, os meios de comunicação falam dele, a sociedade discute e, subitamente, o assunto passa a existir, torna-se hegemônico.

UP – Segundo dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), 260 homossexuais foram mortos em 2010, 31% a mais que em 2009. Por aqui, se discute o



“Todos os países têm personagens como Jair Bolsonaro. Eles vivem de uma retórica muito particular, a retórica de aproveitarem as virtudes da democracia para defenderem o seu pensamento antidemocrático.”

Projeto de Lei Complementar nº 122, que criminalizaria o preconceito contra homossexuais, a homofobia. Como o senhor enxerga esse projeto?

MVA – O Brasil é uma sociedade muito mais complexa e diversa que a portuguesa, é mais contraditória. Há uma enorme aceitação social, antiga já, popular, da homossexualidade. Há muitos sinais de aceitação crescente de formas de união, adoção, vida visível, provavelmente até maior que em Portugal. Mas ao mesmo tempo existe muito ódio, muito crime de homofobia. A tradição legal e política brasileira é também muito diferente da portuguesa. Aqui, existem mais leis específicas, sobre questões específicas. Portanto, provavelmente, no caso do Brasil, uma lei como essa faria mais sentido. Em política têm-se algumas dúvidas em relação a leis anti-homofobia: é quando elas podem tornar-se mecanismos de controle sobre todas as manifestações homofóbicas. Isto é, não apenas aquelas que são violentas. As coisas podem ser um tantinho mais complicadas, podendo virar-se contra nós que queremos defender a liberdade e a integração total dos homossexuais, gays e lésbicas na sociedade. Eu talvez preferisse a criação de situações em que nós possamos

agravar as punições quando existem motivações homofóbicas naquilo que já é considerado crime.

UP – Em Portugal há uma lei semelhante de criminalização à homofobia?

MVA – Não. Lá, esse assunto foi resolvido a partir de uma revisão do nosso código penal – feita há cinco, seis anos –, que agravou as penas para os crimes dolosos, inclusive para aqueles por razão de orientação e identidade de gênero. A partir do momento em que o código penal diz que a pena para um homicídio é de 25 anos, por exemplo, e se se provar que o crime foi cometido por razão de ódio racista, de gênero, da orientação ou identidade de gênero, no caso da população trans, a pena é agravada. O Estado pune mais fortemente crimes cometidos com base no ódio, inclusive homofóbicos. No nosso caso resolveu-se assim.

UP – No Brasil, conservadores como o deputado federal Jair Bolsonaro (PP-RJ), assumidamente homofóbico, são contra o PLC nº 122 afirmando tratar-se de restrição à liberdade de expressão.

MVA – Todos os países têm personagens como Jair Bolsonaro. Eles vivem de uma retórica muito particular, a retórica de aproveitarem as virtudes da democracia para defenderem o seu pensamento antidemocrático. Isso é típico. Nós temos de ter muito cuidado com essas pessoas, não podemos cair numa espécie de argumentação que não é lógica. O lógico é que a liberdade de expressão dele é limitada, como é a sua e a minha, por exemplo, quando nos insultamos; nós temos essa liberdade, mas estaremos a infringir o espaço de honra e dignidade da outra pessoa. A liberdade de expressão é um valor fundamental da democracia para garantir que há liberdade de informação, que o Estado é vigiado e que os diferentes setores da sociedade podem exprimir suas preocupações e suas dúvidas e desavenças. Mas não é para perseguir as pessoas. Eu creio que aquilo que tem sido estabelecido, talvez mais numa tradição liberal inglesa, do norte da Europa, é basicamente o seguinte: nós aceitamos o contrato social de que as pessoas pensam o que querem e dizem o que querem, mesmo que seja muito desagradável e insultuoso? Aceitamos. O que nós não aceitamos é o incitamento ao ódio, que seja

feito um discurso que claramente diz “vamos atacar essas pessoas” ou “vamos puni-las” ou “vamos impedir que elas tenham direitos”. Dizer que é pecaminoso ser gay a partir de uma crença religiosa, sinceramente, por estranho que pareça, não acho problemático. Penso que isso faz parte do interno conflito da sociedade. Agora, se nós conseguirmos definir bem o que é o incitamento ao ódio e se o Estado der o exemplo nas leis, na forma como gera as instituições, como atende as pessoas nos hospitais públicas, como emprega as pessoas – porque é o Estado que dá o exemplo, é o que representa o coletivo –, já teremos meio caminho andado.

UP – Em 2004, o Governo Federal lançou o Programa Brasil sem Homofobia. Entre as ações está a entrega de material didático às escolas para combater o bullying e a homofobia entre crianças e adolescentes. Os conservadores afirmam que isso incentiva a homossexualidade. De que forma o senhor avalia isso?

MVA – Todos os conservadores reagem dessa maneira. Em Portugal, há um debate longo sobre educação sexual na escola pública, mas as pro-

postas curriculares são postas em cheque pelos setores conservadores. E a única resposta que se pode dar é a resposta genuína: isso não é um problema. Ninguém incentiva ninguém a ser o que quer que seja. E se alguém incentiva alguém a ter uma orientação sexual é todo o sistema atual que incentiva a ser heterossexual. Os políticos têm de assumir claramente que não há hierarquia entre gêneros, não há problema algum em dizer às crianças que elas podem vir a ser hétero, gay ou bi. Não há e não pode haver problema nisso. A resposta aos setores conservadores tem de ser muito forte. Do ponto de vista da liberdade e da igualdade, não há razão nenhuma para hierarquizar, mesmo que há séculos promovamos uma orientação sexual, a heterossexual. Há o imperativo do Estado de proteger as vítimas do assédio, do bullying, e por isso é preciso um trabalho específico de proteção às crianças e aos jovens que são vítimas de homofobia; é o Estado a cumprir sua obrigação.

UP – Nesse momento, o STF julga a união homoafetiva como entidade familiar. No entanto, essa reivindicação está sendo atendida no Poder Judiciário.

MVA – Em Portugal, a primeira grande reivindicação sobre casamento entre gays veio da ILGA Portugal, do movimento ativista. Mas o primeiro grande caso foi o de duas mulheres que se dirigiram a um cartório e, por si próprias, sem nenhum apoio do movimento LGBT, anunciaram que queriam casar-se. Foi negado àquela altura, é óbvio, porque não havia essa figura [jurídica]. O caso tornou-se conhecido porque elas levaram a causa ao Tribunal Constitucional, o equivalente ao STF brasileiro. Falou-se que se surgissem mais dois casos como o delas e se todos eles fossem julgados positivamente pelo Tribunal Constitucional, então Portugal teria aprovado o casamento gay. Daí houve uma discussão no movimento sobre se essa nossa reivindicação deveria seguir pela via judicial ou via política. Fomos muito firmes na ideia de que se tivesse de ser via judicial, paciência. Melhor tê-la do que não ter nada. Mas preferimos mesmo a via política. Felizmente conseguimos porque nosso sistema político permite mais esse tipo de debate. Como o sistema brasileiro é diferente, essa é uma forma de contornar os problemas. Por outro lado, sei que existe também uma grande diferença entre o poder judiciário brasileiro e o português. O brasileiro já tem muitas agendas progressistas; em níveis locais e estaduais há muitos casos e sentenças interessantes, o que significa que é um Judiciário muito mais avançado do ponto de vista dos costumes que o judiciário português, muito conservador. Ou seja, nós, se tivéssemos ido pelo judiciário, não chegávamos muito longe. Por aqui no Brasil parece ser mais fácil ir por aí. E, apesar de tudo, é um dos poderes do Estado e é o que faz Justiça, que é um valor a princípio muito reconhecido pelas pessoas. Cada país tem o seu percurso. 🗣️

Fortaleza mar abaixo

Enquanto os ponteiros avançam, Fortaleza vai chegando perto de se inserir cada vez mais no mercado internacional. A entrada e a saída de produtos no Porto do Mucuripe estão prestes a aumentar, com a fase final do processo de dragagem do equipamento. A UFC, através do Labomar, acompanha tudo de perto

Por Raquel Chaves

Agora é apenas questão de tempo. Não falta muito para o Porto de Fortaleza, também conhecido como Porto do Mucuripe, devido à sua localização, melhorar sua capacidade de atracação para navios de grande porte. A Companhia Docas do Ceará (CDC), responsável por administrar o Porto, espera um incremento de 30% na movimentação. A profundidade do Porto deve passar dos atuais 10 metros para 14 metros, possibilitando a atracação de navios de até 100 mil toneladas. Esse resultado é obtido através do processo de dragagem de aprofundamento (retirada de sedimentos do fundo do mar). Segundo a CDC, faltam apenas 10% dos trabalhos para a finalização da dragagem do Porto.

Devido aos riscos para o meio ambiente, todo o processo vem sendo monitorado, desde fevereiro do ano passado, pelo Instituto de Ciências do Mar (Labomar), da Universidade Federal do Ceará. O convênio de monitoramento ambiental da obra de dragagem foi firmado pela CDC, Secretaria Especial de Portos (SEP), vinculada à Presidência da República, e a UFC. Pouco mais de R\$ 1,5 milhão é o valor do contrato, que prevê pelo menos oito grandes etapas, incluindo um Programa de Educação Ambiental (ver quadro). Ao todo, estão sendo retirados cerca de seis milhões de metros cúbicos de sedimentos do fundo do mar.

Segundo o diretor do Labomar, Prof. Luís Parente, todo o material

foi descartado ao longo da praia da Leste-Oeste, na Capital. “Quando o material vai ser lançado, temos gente dentro do navio para acompanhar tudo, inclusive a abertura das comportas”, disse Parente.

Para realizar a dragagem de aprofundamento de acordo com o licenciamento ambiental fornecido pela Superintendência Estadual do Meio Ambiente (Semace), a CDC escolheu a UFC, através de contrato com a Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura (FCPC). “Buscamos, no mercado, empresas especializadas para executar os monitoramentos ambientais. Após avaliar as propostas técnicas das empresas consultadas, a CDC decidiu que a Universidade Federal do Ceará teria toda a facilidade de realizar os trabalhos” – informou a Companhia à UP. A afirmação foi repassada através da assessoria de imprensa da CDC, por e-mail, pelos engenheiros Raimundo José de Oliveira, coordenador de Segurança, Meio Ambiente e Saúde do Trabalhador; e Joaquim Bento, assessor da Diretoria de Infraestrutura e Gestão Portuária.

De acordo com eles, outros trabalhos semelhantes já tinham sido realizados pela UFC, como pesquisas acadêmicas. “A execução desse monitoramento seria uma oportunidade única para o aprimoramento técnico-científico de toda a comunidade acadêmica abrangente dos vários cursos oferecidos pela UFC”, acrescentaram os engenheiros. A dragagem de aprofundamento deve melhorar, inclusive, a competitividade internacional do Porto, já que, atualmente, o equipamento ainda não tem condições de receber navios de grandes calados (parte da embarcação que fica submersa).

Segundo o Prof. Luís Parente, o Porto do Pecém (único outro porto cearense) já tem essa profundidade (14 metros). De acordo com a CearáPortos, que administra este porto, apenas nos três primeiros meses do ano, operaram no Pecém 138 navios – sendo 80 com calado superior a 10 metros e 58 com calado inferior a 10 metros. Somente no mês de março último, a movimentação de navios no porto registrou o total de 44 embarcações.

“A tendência mundial é aumentar o tamanho dos navios. Os 14 metros de profundidade serão necessários para aumentar a competitividade internacional. Tem que se importar e exportar”, disse Luís Parente. Segundo ele, para entrar nessa rota internacional, qualquer porto tem de estar funcionando pelo menos em 98% do ano. “Só assim ele fica competitivo”, enfatiza.

Há uma expectativa de redução dos custos de frete com a realização da dragagem. Já que o Porto do Mucuripe terá a possibilidade de receber navios maiores, estes terão mais capacidade de transporte de cargas. “O que antes era feito em três fretes, poderá ser feito em dois. Há uma redução de custo logístico nisto que se estima ser repassado ao preço do produto final, beneficiando o consumidor que está lá na ponta, no supermercado, por exemplo”, avalia o assessor da Diretoria de Infraestrutura e Gestão Portuária da CDC, Joaquim Bento.

No ano passado, 4,2 milhões de toneladas (marca histórica) foi a quantidade de mercadorias movimentadas no Porto do Mucuripe, entre graneis sólidos e líquidos e carga geral. Ao todo, 565 embarcações trafegaram pelo equipamento em 2010.

Cuidados do Cocó ao Cumbuco

Durante o processo de dragagem, muitos organismos que vivem no fundo do mar (fauna e flora bentônicas) são destruí-

dos, o que ressalta mais um aspecto importante para o monitoramento contínuo. No mesmo ponto onde são descartados os sedimentos oriundos da dragagem, o Labomar faz várias coletas de amostras para checar como estão as áreas de recuperação desses organismos. Segundo Luís Parente, “Fortaleza está ganhando mais conhecimento sobre o seu litoral”. Ainda de acordo com o professor da UFC, a equipe do Labomar já fez todo o mapa batimétrico (topografia submarina, medição de profundidade) do litoral fortalezense.

O monitoramento ambiental vem sendo feito desde a foz do rio Cocó até a praia do Cumbuco, em Caucaia. “Todo o cuidado é feito para tranquilizar a população e os órgãos ambientais. Estamos sempre em estado de alerta, monitorando, coletando amostras e fazendo simulações para onde está indo o material lançado”, garante o Prof. Luís Parente.

Desde outubro de 2010, Luiz José Cruz Bezerra, o Buda, vem participando de todas as etapas do monitoramento da dragagem do Porto do Mucuripe. Sempre em campo, no mar ou à beira dele, ele aproveita para repassar o conhecimento adquirido, inclusive para a população. “Como chegamos cedo, por volta das 4 horas da manhã, ainda pegamos pescadores e cooipistas. Tiramos muitas dúvidas sobre nosso trabalho. Ainda é algo novo para as pessoas”, diz Buda, que é doutorando em Ciências Marinhas Tropicais.

Águas férteis

A presença constante de 45 estudantes da UFC em todas as etapas de monitoramento da dragagem do Porto já rendeu frutos. Segundo o Prof. Luís Parente, em função da experiência adquirida nesse trabalho, os alunos criaram uma empresa ambiental júnior de Oceanografia e uma empresa júnior de Ciências Ambientais (AmbienTeia).

Integrante da primeira turma do curso de Oceanografia da UFC, que ainda não formou nenhum profissional, o estudante Bruno Nogueira Ca-



FOTO: Arquivo Labomar

Pesquisadora do Labomar coleta amostras no litoral de Fortaleza; atividade é necessária para o correto monitoramento ambiental das obras de dragagem do Porto do Mucuripe

tunda já vivencia a profissão como “gente grande”. Aos 23 anos, ele é um dos integrantes da empresa júnior criada em março deste ano. Ao todo, são 12 membros. Bruno diz que, por conta da vivência no processo de monitoramento da dragagem no Mucuripe, “a experiência profissional acaba sendo muito grande”. Ele exemplifica: para um aluno do curso se formar, entre os requisitos, ele tem de ter pelo menos 96 horas embarcado, de atividades no mar. “Eu já tenho 180 horas”, diz o aluno do 6º semestre.

Segundo Bruno, a rotina é puxada e inclui várias atividades. “A gente embarca, faz o início da captação de dados e realiza todas as etapas do monitoramento”, explica. Mais especificamente, Bruno faz um trabalho pontual de medição da profundidade marítima (batimetria). “O primeiro mapeamento que fiz foi da área de descarte da (praia da) Leste-Oeste e já estou concluindo o da foz do rio Cocó até o Titanzinho”, detalha.

Já a Empresa Júnior AmbienTeia, do curso de Ciências Ambientais da UFC, foi lançada antes, em dezembro de 2010. Ela vem funcionando como empresa de consultoria e análise ambiental, com diretoria executiva formada por cargos de Presidência e diretorias Administrativo-Financeira, Marketing, Projetos e Recursos Humanos. Todas as funções são ocupadas por estudantes do curso, sob a orientação de professores do Labomar.

Pontos de coleta de amostra estão representados nos pequenos círculos em vermelho



Praia Mansa: paraíso que inspira cuidados

Entre as áreas litorâneas que vêm sofrendo alguma alteração por conta da dragagem do Porto de Fortaleza (Mucuripe) ao longo dos anos está a Praia Mansa, na própria Capital. A área tem cerca de três vezes o tamanho do aterro da Praia de Iracema e é resultado do assoreamento do porto, devido à existência de uma deriva litorânea (corrente de água com mistura de grãos de areia) que percorre a costa fortalezense, movimentando grandes volumes de areia. No Plano de Desenvolvimento e Zoneamento do Porto, ela foi considerada uma área propícia para a expansão do Porto de Fortaleza.

Segundo o diretor do Labomar, a Praia já está sofrendo há muito tempo e vai demandar, seguramente, algum tipo de contenção local. A CDC ainda não realizou estudos de impacto ambiental naquela região, mas garante que isso será realizado quando for implantado o Terminal de Passageiros do porto, previsto para ser construído na própria Praia Mansa. De acordo com os engenheiros Raimundo José de Oliveira e Joaquim Bento, da CDC, será produzido um EIA-RIMA (Estudo e Relatório de Impacto Ambiental) para esse terminal e “serão cumpridas todas as exigências da legislação ambiental”. O edital de licitação para sua construção deve ser lançado em agosto próximo e as obras devem durar em torno de 18 meses. A expectativa é de que sejam finalizadas até dezembro de 2013. Atualmente, o receptivo de passageiros é realizado na sede da CDC.

De acordo com a CDC, as ações para diminuir os impactos ambientais que podem advir da obra de aprofundamento (dragagem) acontecerão após a conclusão dos monitoramentos. Os engenheiros da CDC lembram que o Labomar fará levantamentos durante quatro anos consecutivos, “permitindo, assim, uma visão de longo prazo sobre os efeitos da obra de dragagem”.

O PLANO BÁSICO AMBIENTAL, DO LABOMAR, CONSISTE EM OITO ETAPAS PRINCIPAIS

- 1 - Monitoramento da linha de costa;
- 2 - Estudo da qualidade do material dragado;
- 3 - Monitoramento de impactos na zona de descarte;
- 4 - Estudo da dispersão de sedimentos durante o descarte;
- 5 - Monitoramento das águas oceânicas e bacias de evolução;
- 6 - Monitoramento das condições oceanográficas costeiras;
- 7 - Controle erosivo da berma da Praia do Futuro;
- 8 - Programa de Educação Ambiental.

Mais saúde há dez anos

Pioneiros do projeto de expansão da UFC, cursos de Medicina de Sobral e de Barbalha completam uma década de atividades marcada pela transformação da assistência à saúde no Interior do Estado

por Cristiane Pimentel

Como se brincassem de ciranda, folhas e gravetos percorrem o pátio na entrada do antigo prédio. O pitoresco balé, conduzido por uma furtiva corrente de ar, insinua uma atmosfera mais agradável – naquela sudorífera tarde de abril – sob as frondosas árvores que emolduram a edificação. Não fosse o compromisso que, por sinal, fora aceito sob a singular mistura entre gratidão e vaidade, talvez Nair deixasse estar-se ali, sob o refrigerio natural. Todavia, ela segue, alheia a esse diminuto oásis em solo caririense, rumo àquele endereço tão familiar. Lá, a sede do curso de Medicina em Barbalha, procura amenizar o peso de uma série de enfermidades que carrega. Com as mãos repletas de palavras de pronúncia diferente – ora que não larga aquele livro de inglês – sobe o lance de escadas que expira na passagem em forma de arco.

Usemos agora um salto no tempo e no espaço e caiamos de cheio em Sobral, uma semana depois da marcha de Nair. O afamado mormaço da região Norte ainda não anuncia; pudera, é manhã cedo. Embora o dia esteja a preguiçar, há muito os olhos de Leticia perscrutam os cantos do quarto. Vivaz, apesar da circunstância pouco favorável aos seus ânimos de menina, seu olhar corre inquirindo o mundo inteiro naquele ambiente de hospital. Com um gesto lento, envolto em bocejos, sua mãe a afaga, procurando prepará-la para mais um dia de tratamentos. Sentada na borda da pequena cama ela aquieta o corpo, mas os olhos se-

guem agitados. Será que se questiona, dada a magia de sua mente de criança, onde estão as fadas, duendes, dragões, princesas? Ou será que o desassossego vem do querer “sara o dodói” e voltar pra casa? Difícil saber.

Nair e Leticia, duas pessoas que se distanciam no tempo e no espaço. Uma já senhora, a outra ainda menina; uma mora em Juazeiro do Norte, a outra, em Sobral. As duas têm, em suas vidas, pontos de similaridade para os observadores. “É óbvio que estão doentes e passam por cuidados médicos!”, clama o leitor. Mas não se apresse, querido leitor, é muito mais do que isso! Para descobrir, voltemos a 2000, ano que marca o processo de expansão do ensino médico da Universidade Federal do Ceará para o Interior do Estado.



Diffícil começo

A resolução número 5 do Conselho Universitário (Consuni), do dia 2 de junho de 2000, assinada pelo então vice-reitor, Prof. René Barreira, traça o início de uma história: consta a apreciação positiva da expansão do curso de Medicina da UFC, situado em Fortaleza, para o Interior cearense. Nela, estão definidas como sedes as cidades de Sobral, na zona Norte, e Barbalha, na região Sul do Estado; escolha justificada por serem municípios situados em polos de desenvolvimento. Além disso, foi levado em consideração o fato de ambos serem estratégicos por já possuírem uma estrutura de atenção primária à saúde, que atuaria como suporte às atividades das graduações.

Medida efetiva contra a carência no número de profissionais médicos no Ceará; política de incentivo ao desenvolvimento regional; fomento à melhoria dos sistemas de saúde municipais, incidindo na expansão do número de leitos destinados ao ensino; crescimento da rede hospitalar; democratização do acesso ao curso superior médico, uma vez que jovens de menor poder aquisitivo não teriam mais a barreira do deslocamento para a Capital como empecilho. Essas foram as benesses vislumbradas quando da implantação dos dois cursos. A euforia logo impregnou, face às possibilidades, os envolvidos – futuros alunos, professores, técnicos e moradores das cidades.

“Vinha de um processo crescente de profissionais atuando aqui que não eram formados no Estado. Os dados eram de que 50% dos médicos registrados no Ceará não haviam sido formados pela UFC. Inclusive, não se conseguia médicos para atuar em saúde da família no Interior. Então, a implantação ocorreu também com esse intuito. Foi uma atitude com certo grau de ousadia para a época, pois as condições orçamentárias eram adversas. O que valeu mesmo para a instalação dos cursos foi a determinação política, a parceria e o entusiasmo dos envolvidos,

que foram Universidade, Governo do Estado e as prefeituras locais”, explica sobre o processo de expansão das graduações de Medicina o Prof. Roberto Cláudio Bezerra, reitor da UFC àquela época.

Um ano depois da assinatura do documento, em abril de 2001, os primeiros alunos, na época, englobados em turma de 40, acompanhavam as aulas iniciais: em Sobral, a aula inaugural foi realizada no dia 2 de abril; no Cariri, as atividades tiveram início no dia 28 do mesmo mês. Gatilho dado, o otimismo, em pouco, pejejou contra um dos maiores obstáculos vivenciados pelos componentes dos primeiros passos: as dificuldades estruturais. “O impacto que tive aqui – ainda não conhecia a cidade, o curso recém-criado estava funcionando na sede de um antigo colégio – foi de muito receio, pois começamos com mil e uma dificuldades. O curso dispunha de uma infraestrutura física arcaica, em um colégio adaptado, mal conservado, com vários problemas. Tínhamos condições bem ruins de sala de aula, adaptávamos laboratórios, coisa que, aliás, fomos ter muitos anos depois”, reconhece um dos primeiros docentes do curso em Barbalha, Prof. Luis Carlos Albuquerque.

Em Sobral, o início também não foi diferente. Ainda sem usufruir de sede que acolhesse as atividades, o curso na região Norte somente pôde dar início graças à parceria entre a UFC, Prefeitura Municipal de Sobral, Governo do Estado do Ceará, Universidade Vale do Acaraú (UVA) e Diocese de Sobral, que colocou à disposição as estruturas da Santa Casa de Misericórdia de Sobral e Hospital do Coração. As primeiras aulas foram realizadas – com o corpo profissional, na época, de oito professores e apenas um servidor técnico-administrativo – no Centro de Ciências da Saúde, Campus do Derby, da UVA. “No início, a gente começou a trabalhar aqui com uma grande preocupação de como dar condição para formar não apenas o médico com a qualidade que o projeto pedagógico buscava, mas também para formar

a Universidade aqui, para ter infraestrutura para pesquisa e extensão”, lembra o docente e atual coordenador do Mestrado Acadêmico em Biotecnologia, Prof. Vicente Pinto. Em março de 2002 foi empreendida a mudança para o prédio destinado ao curso, construído e equipado com recursos oriundos dos governos municipal e estadual. No Cariri, as articulações para a instalação do curso envolveram a Prefeitura Municipal de Barbalha, Governo do Estado do Ceará, Universidade Regional do Cariri (URCA) e Instituto Centro de Ensino Tecnológico (os dois últimos abrigaram aulas da turma de 2002.2).

Estrutura renovada

A aplicação de recursos governamentais e de verbas oriundas do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) possibilitou, ao longo da década, não apenas que intervenções físicas fossem realizadas, mas que fosse erguida uma estrutura mais adequada ao ensino médico, tanto nas expansões de Sobral quanto em Barbalha. Atualmente, a Medicina da UFC na região Norte dispõe de uma sede em estilo arquitetônico neoclássico, ocupando uma área construída de 5.721,77m². A composição física compreende três blocos: no primeiro, estão os laboratórios. Salas de aula, gabinetes para professores, demais laboratórios, além de uma hospedaria para pequenos animais estão no segundo bloco. É ainda nesse bloco onde fica o Núcleo de Biotecnologia de Sobral (NUBIS), no qual são realizadas pesqui-

zas nas linhas de Genética Molecular, Bioquímica, Bioinformática e Biotecnologia, com enfoque em espécies do semiárido brasileiro. No terceiro bloco estão a biblioteca e ambientes administrativos. Complementando o espaço, está em fase avançada de construção – e deverá ser entregue ainda este semestre – um quarto bloco para o prédio, totalizando mais de 7.000m² de área construída.

Duas grandes reformas, além de ampliações, vivenciaram estudantes, professores e servidores da UFC em Barbalha ao longo de dez anos de atividades. Diferente das atribuições do começo, agora o prédio do curso proporciona um ambiente mais confortável aos seus usuários. São cerca de 2.500 m² de área coberta, dividida em dois pisos. Fazem parte da estrutura acadêmico-pedagógica, salas de aulas e de atividades tutoriais e laboratórios. Dentre os equipamentos há ainda o Serviço de Verificação de Óbito (SVO), biblioteca, laboratório de Informática e biotério (lugar onde se conservam animais vivos para estudos experimentais). Inaugurado em 2009, o biotério contém dois centros cirúrgicos experimentais, uma sala de administração, um laboratório de entomologia – destinado a abrigo e pesquisas com insetos –, além de uma área ampla para hospedagem de animais.

Um dos mais recentes suportes aos estudos e pesquisas da expansão em Barbalha foi inaugurado em 18 de fevereiro deste ano, a Estação da Biblioteca Virtual em Saúde. A Biblioteca compõe a rede de Bibliotecas e Uni-

dades de Informação Cooperantes da Saúde (Rede BiblioSUS), resultado de parceria entre o Curso de Medicina, Ministério da Saúde e a Organização Pan-Americana da Saúde, por meio do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. Com ela, gestores, profissionais de saúde, pesquisadores e interessados possuem acesso facilitado a 19 milhões de documentos técnico-científicos gerados por instituições acadêmicas e pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

Ganhos não apenas em obras nesses 10 anos, mas incremento na comunidade acadêmica dos dois cursos. Dos oito docentes iniciais, nas duas localidades, hoje o número chega a 56 professores em Sobral e 60 no Cariri. As turmas de alunos ingressantes em cada seleção também encorpam: como parte das metas do Reuni a serem cumpridas pela Instituição, o objetivo é que, até 2012, ocorra a duplicação da quantidade de vagas disponíveis, isso em relação às 40 que eram ofertadas no primeiro processo seletivo. De acordo com o reitor Jesualdo Farias, o grande desafio para o futuro, com relação ao corpo docente, é reforçar o número de professores, em Barbalha, com regime de 40 horas semanais. “No Cariri, não temos uma quantidade necessária de professores com dedicação exclusiva e professores com doutorado. Em Sobral, apesar de menos professores, temos uma configuração acadêmica em um patamar mais favorável à pesquisa e pós-graduação do que no Cariri. Então, temos que procurar alcançar essa maturidade acadêmica, no curso de Barbalha. E quando digo maturidade aca-

dêmica é ensino, pesquisa e extensão; hoje, a pesquisa lá é incipiente, a comunidade precisa se organizar para atrair professores-doutores com tempo integral”, expõe. Com relação às perspectivas para o curso da região Norte, Jesualdo afirma que a ideia é que o Campus de Sobral ganhe uma nova graduação voltada para gestão em saúde. “A rigor, o projeto do curso está pronto. Nós somente estamos negociando as necessidades para definir se vamos implantar em 2012 ou 2013, mas que nós vamos implantar não há dúvida, pois é uma demanda da região”, assegura.

Sobral – Interiorização Médica e Ciência de Ponta

Quando questionado acerca do diferencial do curso da região Norte, é sem falsa modéstia que o coordenador da graduação em Medicina em Sobral, Prof. Gerardo Cristino, enumera os feitos da expansão em 10 anos de atividades. “Somos marcados pelo pioneirismo!”, afirma em tom enfático. De fato, essa é uma conquista da qual o curso pode se orgulhar: foi a inserção do curso federal que possibilitou a implantação dos primeiros programas de Residência Médica no interior do Estado do Ceará, na Santa Casa de Misericórdia de Sobral e no Sistema Municipal de Saúde; com isso assinalou a Certificação da Santa Casa como o primeiro Hospital de Ensino do Interior cearense.

De acordo com o professor, a criação de programas de pós-graduação *lato sensu*, além de contribuir para a qualificação profissional dos egressos do curso, faz parte da estratégia de fixação de médicos que possam atender os municípios da região Norte. “O médico é fixado na região não com a graduação, mas com a pós, a Residência. Isso porque quando o local não dispõe de Programas de Residência, há a probabilidade de esse médico sair para estudar fora e por lá ficar. Se ele fizer aqui, cria vínculos”, expõe.

Criada em 2004, a Residência em

Medicina da UFC em Sobral foi ainda a primeira do Interior do Ceará a ofertar a especialidade de Anestesiologia. Atualmente são mantidos sete programas: Clínica Médica, Clínica Médica com área de atuação em Medicina de Urgência, Cirurgia Geral, Ginecologia e Obstetrícia, Pediatria e Medicina de Emergência. Totalizando 43 vagas por ano na Residência, ainda são conduzidos, em parceria com o Sistema Municipal de Saúde e a Santa Casa de Misericórdia de Sobral, os programas de Psiquiatria e de Medicina de Família e Comunidade, este último levando em conta o histórico de Sobral como cidade precursora nesse campo. “Tínhamos a necessidade de fixar o médico de Medicina de Família. Na verdade, a grande maioria dos médicos que integravam as unidades básicas de saúde era recém-formada, que não tinha a especialidade de compor esse quadro. O intuito de se trazer a Universidade para cá foi de tentar fixar o aluno aqui e a gente viu que, com a residência, aumentou ainda mais essa importância, porque a gente está formando especialistas que possam se trabalhar em um local que é muito carente deles”, explica o coordenador do Programa, Prof. Juvenal Linhares.

Até maio deste ano, o curso da região Norte havia lançado ao mercado de trabalho 194 médicos. Desse total, 45 permaneciam trabalhando em Sobral ou cidades vizinhas. Face ao número de alunos já graduados, a quantidade que ficou na região, de fato, é pequena. No entanto, levando-se em consideração não apenas a existência de programas de pós-graduação, mas de um grupo de fatores – profissionais e pessoais – que possam interferir na escolha de onde



1



2

1. Em visita semanal ao setor de Pediatria da Santa Casa de Sobral, bolsistas do Projeto Riso humanizam a internação dos pacientes através de músicas e atividades lúdicas

2. Ex-aluna de graduação da Medicina em Sobral, a ginecologista Carla de Sousa é exemplo do processo de interiorização de profissionais propiciado pela expansão da UFC

cada profissional opta por “fincar raízes”, o número pode ser um sinalizador de mudanças na concentração, nos grandes centros, de trabalhadores especializados. “Pretendo trabalhar aqui, pois o mercado local é muito mais fácil de me inserir do que o de Fortaleza. Aqui tem muita escassez de profissionais, principalmente especialistas”, comenta o residente em Ginecologia, Emanuel Pequeno.

Somadas à iniciativa da Universidade, ações do Governo do Estado do Ceará na área de infraestrutura – construção dos hospitais regionais do Cariri e de Sobral – devem propiciar um salto nessas estatísticas de médicos no Interior. “Deve aumentar o número de profissionais de saúde com a nova estrutura que o Estado está construindo no Interior. Traçamos o projeto de construir dois grandes hospitais, um no Cariri, que já foi inaugurado, e devemos inaugurar no começo do próximo ano o de Sobral. Além disso, estamos construindo 21 policlínicas e 32 unidades de pronto-atendimento. Não tenho dúvidas de que isso vai ter um papel importante, pois os estudantes vão ter a oportunidade de terminar o seu curso em um hospital de alta complexidade na região. Com isso vamos não apenas interio-

rizar a formação de profissionais, mas ter, inclusive, a fixação deles”, assegura o secretário de Saúde do Estado, José Arruda Bastos.

De acordo com o Prefeito de Sobral, Clodoveu Arruda, novas cooperações com a UFC estão sendo estudadas no intuito de promover o fortalecimento não apenas na saúde, mas em diferentes aspectos sociais do município. “A Universidade funciona como uma parceira importante para a construção efetiva do futuro. Ela eleva a consciência, qualifica as reflexões, os desejos, os projetos; é fundamental para que a gente cumpra uma agenda de desenvolvimento social, econômico e cultural da região”, destaca.

Ex-aluna de graduação e de pós-graduação da Medicina em Sobral, a ginecologista Carla de Sousa é um exemplo desse processo de interiorização de profissionais propiciado pela expansão da UFC. Segundo ela, que hoje integra o corpo de médicos da Santa Casa de Sobral, a implantação do curso na cidade vem propiciando

não somente transformações positivas do mercado de trabalho local, mas também no comportamento das próprias equipes de saúde. “Acompanho o curso desde a vontade de que ele existisse. Fiz Medicina aqui porque acreditei na proposta e vim com a vontade de ajudar a construir. O curso, certamente, só veio contribuir positivamente com relação à atenção primária, secundária e terciária local. Agora, nesses últimos três anos, a gente percebe mudanças a olhos vistos nos serviços, na mentalidade dos profissionais, até porque quando a gente chegou o comportamento era outro com relação ao estudante de Medicina ou de Enfermagem. Inicialmente, havia uma espécie de rejeição, mas, hoje, estamos totalmente integrados ao serviço e não imagino mais a Santa Casa sem o estudante de Medicina”, avalia.

E não é preciso chegar à pós-graduação para que esse estudante da UFC passe a desenvolver atividades na rede de saúde de



Equipe do Mestrado Acadêmico em Biotecnologia, primeiro programa de pós-graduação da UFC no Interior, enfoca pesquisas sobre o desempenho de substâncias encontradas em plantas do semiárido nordestino

Sobral. Mesmo em semestres básicos da graduação, os alunos já começam a interagir com os pacientes através de atividades de extensão, grupos de pesquisa ou outras iniciativas. Um projeto que possibilita esse encontro entre recém-ingressantes e usuários do sistema de saúde é o Projeto Riso, que visa humanizar a estada de internação do doente, seguindo os modelos do médico Patch Adams, nos Estados Unidos, e do grupo Doutores da Alegria, em São Paulo.

Criado há quatro anos, o projeto nasceu da ideia de um grupo de alunos. Caracterizados de palhaços/médicos, os estudantes realizam visitas semanais ao setor de Pediatria da Santa Casa, ocasião em que procuram, dentro das possibilidades do ambiente, realizar brincadeiras e divertir as crianças. “A gente acabou tentando ter o primeiro contato com o paciente de uma forma diferente. É o primeiro encontro a não se basear na ciência, mas na relação humana que você pode ter. É o branco trabalhando com o colorido, que é para tirar essa ideia de que quem está com o jaleco vai apenas fazer procedimentos dolorosos naquela pessoa que está internada”, afirma uma das fundadoras do Projeto, Cynara Carneiro.

De acordo com a coordenadora do Projeto, Prof^a Regina Coeli, antes desse primeiro contato, os estudantes passam por uma capacitação que envolve desde aspectos de higienização até temas mais delicados, como a morte de pacientes. Como destaca a docente, o intuito do Projeto Riso é de não apenas divertir, mas consolidar esse novo conceito de saúde, atento às questões socioemocionais do enfermo, entre os profissionais da região. “Os alunos têm ampliado o que se chama de saúde e o que é trazer saúde para o doente, humanizando essa assistência. Lembro-me de um episódio em que um aluno estava abordando uma criança, mas ela não se abria, não sorria, e ele tentando as mágicas, estava com todo o arsenal dele já para se esgotar, quando o menino pediu: ‘Imita um macaco?’ Então o aluno começou a imitar o macaco e o menino caiu na gargalhada. Aqui-

lo, que pode parecer banal, surte um efeito bem interessante na melhoria daquela criança”, defende Regina.

Seguindo na linha de especialização profissional em Sobral, o Mestrado Acadêmico em Biotecnologia vem promovendo ações tanto no âmbito das pesquisas em Macromoléculas e Microbiologia Aplicada quanto na fixação de doutores na região Norte do Estado. Criado em 2007, o Programa foi o primeiro da UFC no Interior do Ceará. Dispondo de uma estrutura física de sete laboratórios e um parque tecnológico avaliado em torno de R\$ 10 milhões, o Mestrado atua em parceria com a UVA e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa).

O enfoque dos estudos está no desempenho de substâncias, encontradas em plantas do semiárido nordestino, nos processos de inflamação e dor. “O pessoal se admira com a exuberância de uma Floresta Amazônica e de uma Mata Atlântica, mas, espécie por espécie, a Caatinga é infinitamente superior e ela é absolutamente desconhecida. Então, a gente busca nas plantas substâncias que possam ser aplicadas no controle de dor, na modulação de alguns processos, sejam fisiológicos ou sejam eles doenças”, esclarece o coordenador do mestrado, Prof. Vicente Pinto.

Integrante da Rede Nordeste de Biotecnologia (Renorbio), o mestrado possui, atualmente, 25 projetos de pesquisa em desenvolvimento. Em fase avançada de testes clínicos (testes em humanos), há o estudo da eficácia terapêutica do xarope de xambá, planta encontrada no semiárido, na melhoria da qualidade de vida para pessoas asmáticas ou com doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC). “Segundo levantamentos, há um número muito grande de pacientes asmáticos em Sobral, principalmente por conta de fábricas de cimento. Então, o nosso objetivo com essa pesquisa aqui é verificar se esse xarope implica na melhoria da qualidade de vida dessas pessoas. Distribuimos o xarope e, para avaliar se mudou algo ou não, buscamos saber, através de questionários, se melhorou o cansa-

ço da dispneia desde mínimas atividades até as mais intensas”, detalha o fisioterapeuta e pesquisador do Mestrado em Biotecnologia, Henrique Linhares.

Conduzido através de parceria com o curso de Medicina em Fortaleza, o estudo conta com a orientação do Prof. Odorico de Moraes, da Unidade de Farmacologia Clínica da UFC, a UNIFAC. Integram o experimento 60 pacientes, maiores de 18 anos, do Centro de Reabilitação de Sobral. Após triagem nos Centros de Saúde da Família e seguinte apresentação dos intuitos e métodos da pesquisa, o paciente-voluntário passa por uma bateria de exames para avaliação de seu estado clínico, além de passar por testes de capacidade pulmonar. Se apto, ele passa a receber frascos do xarope de xambá – que são produzidos nos laboratórios da UFC – e é acompanhado pelos pesquisadores durante 28 dias. “Cada um toma 20 ml, três vezes ao dia, durante 14 dias. Então, são 14 dias tomando e 14 sem tomar; daí vemos como era antes, durante e depois do xarope. Com os questionários, pergunto sobre a vida dele desde a hora em que ele acorda até a hora que vai dormir no dia seguinte”, explica Henrique.

Iniciada em janeiro deste ano com base científica em anteriores evidências positivas em animais – da capacidade bronco-dilatadora e anti-inflamatória do xambá – a fase clínica vem revelando bons resultados do fármaco também em humanos. “Apesar de a gente não saber qual é xarope e qual é placebo, quem sabe é o laboratório de Farmacologia, que nos envia os frascos, a gente tem tido depoimentos de pacientes que afir-

Santa Casa de Misericórdia de Sobral recebeu o primeiro programa de Residência Médica do Interior cearense a partir da implantação do Curso de Medicina da UFC no município



CAPA

mam que, antes do xarope, tomavam bombinha três vezes por dia e agora só tomam uma. De todo modo, isso está sendo avaliado e será validado não apenas pelo o que este voluntário está dizendo, mas por todo o aparato de acompanhamento que disponibilizamos”, destaca o estudioso.

Henrique chama atenção ainda para o fato de o xambá ser objeto de estudo para mais duas pesquisas em andamento, nos níveis de doutorado e pós-doutorado, vinculadas à Faculdade de Medicina em Fortaleza. A meta é que, após a conclusão dos três trabalhos, com a confirmação das capacidades terapêuticas do xarope, ele possa ser incluso na lista de medicamentos à disposição dos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS). “Durante toda a pesquisa os pacientes recebem a medicação para asma, pois a ideia é ampliar as opções terapêuticas e não excluir uma. Se você me perguntar ‘O paciente asmático vai deixar de utilizar bombinha?’ Não sei

se vai, mas acreditamos que vai melhorar sua qualidade de vida. Depois, se clinicamente tivermos resultados, queremos que ele possa ser utilizado no SUS”, declara.

Barbalha – Impacto nos serviços e interação com a comunidade

Um ventilador, uma rede e uma bolsa. Esse trio era tudo que compunha a bagagem do jovem Luis Pires assim que chegou a Barbalha, há cinco anos. Tão pouca quantidade de objetos talvez nem configurasse exagerado peso para o, até então, futuro estudante de Medicina do curso da UFC em Barbalha. Mas a cabeça – ah, sim! Essa deveria pesar toneladas com uma avalanche de informações, anseios e dúvidas. Da inscrição descompromissada até a chegada naquela que seria sua nova cidade, mal houve tempo e recursos para o

Doado à UFC por padres beneditinos, o antigo Colégio Santo Antônio é a sede do Curso de Medicina de Barbalha

calouro organizar sua nova vida. “Na época, nem sabia da existência desses cursos aqui no Interior, até que um amigo meu falou e resolvi tentar. Sou filho único e nunca tinha saído de Fortaleza, nem tinha pensado em morar fora de casa sem os meus pais. No entanto, me inscrevi e acabei sendo aprovado. Uma grande questão foi como morar aqui, custear duas casas, pois uma só já era difícil... No começo foi muito desafiador”, rememora o estudante.

Filho de um cabeleireiro e de uma dona de casa, o acadêmico de Medicina de origem humilde, da periferia de Fortaleza, integra o grupo de jovens que, a cada ano, elege a região do Cariri como sede para seus estudos. Com uma rede de serviços e estrutura fomentados pela “onda

universitária”, Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha vivem transformações em vários campos sociais, como Economia, Cultura, Educação, Política e Saúde. “Mudou o perfil da cidade com a chegada da Universidade, não somente pela cultura nova que veio se agregar à cultura barbalhense, como também pelo próprio estilo de vida. Mesmo que depois esses jovens não venham a ficar, mas, no período do seu curso, eles prestam serviço à comunidade e acabam se envolvendo com os assuntos do município”, analisa o Prefeito de Barbalha, José Leite.

Em Barbalha, onde está situado o curso de Medicina da UFC, a vocação para os serviços na área de saúde ganhou impulso com a instalação da graduação médica. O trânsito de professores e alunos instituiu uma ambiência acadêmica e científica, consolidada também com a criação do Programa de Residência Médica, dentro dos equipamentos de saúde locais. Para Adriana Medeiros, administradora de um dos maiores hospitais de Barbalha, o Hospital Santo Antônio, um dos mais relevantes impactos percebidos na saúde local foi a melhora do perfil profissional. “Contribuiu muito a vinda dos alunos, principalmente para a população. O aluno traz a parte acadêmica, de pesquisas, e isso faz com que haja uma troca de saberes entre universitários – que possuem conhecimentos bem atualizados – com os profissionais que aqui atuam”, declara.

Melhorias em Barbalha tanto com a especialização em serviços já existentes quanto com a implantação de novas atividades. Desde 2009 funciona no prédio do curso de Medicina um Serviço de Verificação de Óbito (SVO). O local atua na comprovação de mortes ocorridas, na região, por causas naturais; em que a morte não tenha sido violenta ou em pessoas que não foram assistidas por um médico. Primeiro serviço do tipo no Interior do País, foi implantado em parceria com a Prefeitura de Barbalha e integra a rede de SVOs do Ministério da Saúde. “A importância disso é que nós vamos poder contribuir nas estatísticas de morte do Ministério da Saúde, vamos saber do que o nosso povo está morrendo e, com isso, poder ter políticas públicas de prevenção”, explica Cláudio Gladston, coordenador da graduação de Medicina em Barbalha. Até maio deste ano, 120 autópsias haviam sido feitas.



1

1. Filho de um cabeleireiro e de uma dona de casa, o estudante Luis Pires deixou Fortaleza há cinco anos: “No começo foi muito desafiador”

2. A Estação da Biblioteca Virtual em Saúde possibilita a gestores, profissionais de saúde e pesquisadores o acesso a 19 milhões de documentos técnico-científicos gerados por instituições acadêmicas e pelo SUS

Em consonância com os novos parâmetros curriculares que preconizam maior inserção do médico na comunidade, respondendo a uma das carências da saúde brasileira – a formação de médicos de saúde da família –, funciona também no curso um ambulatório de especialidades médicas. Com atendimentos de segunda a sexta-feira, no horário comercial, o local oferece as especialidades de Neurologia, Endocrinologia, Cardiologia, Dermatologia, Reumatologia, Pneumologia, Gastroenterologia, Otorrinolaringologia, além da realização de biopsias e exames de leishmaniose. Segundo a atendente do ambulatório,



2

Rejane Felix, por dia, são consultadas cerca de oito a dez pessoas, em um ambiente que conta com cinco salas de consultório. “Uma das grandes vantagens para o paciente é que ele já sai daqui com o seu retorno agendado”, destaca.

Cada paciente que chega ao ambulatório é atendido por um docente e ainda recebe o acompanhamento de um estudante de graduação ou de pós-graduação. Como explica o coordenador do curso, a ideia de montar o ambulatório surgiu para quebrar barreiras entre academia e comunidade. “Íamos aos postos de saúde e víamos a dificuldade do nosso aluno e do nosso professor de interagir com os pacientes que necessitavam de nossa ajuda. Então, trouxemos a comunidade para dentro do curso. O que a gente quer é que esse ambulatório faça parte da vida das pessoas daqui. Na verdade, grande parte da nossa população sofre de doenças sociais como a fome, o desemprego, a desnutrição. E quando você fala em



A atendente do ambulatório do Curso de Medicina de Barbalha, Rejane Felix, recepciona a professora aposentada Nair Rocha: “O atendimento aqui é excelente”

desnutrição parece que não é Medicina; Medicina é cortar, ver uma vesícula, um tumor na cabeça – a fome parece que não faz parte do nosso contexto, mas é a nossa realidade. Então, quando o paciente chega aqui, passa por uma triagem e o nosso médico residente diz para onde é que ele deve ir. Ele precisa ter o conhecimento necessário para saber o que o paciente tem e se precisar de algo mais especializado, saber encaminhar”, comenta Cláudio Gladston.

Um novo conceito em saúde

Mas então Nair adentra o prédio da Medicina em Barbalha. O riso bulichoso do grupo de alunos que conversa próximo às escadas, aguardando a aula seguinte, a recepciona. Sem pressa, ela caminha pelo corredor, rumo à sala de reuniões. Com a plácida expressão daqueles que não veem na espera um

martírio, aguarda, sentada em uma cadeira acolchoada, até a hora de falar sobre o atendimento que recebe como usuária do ambulatório de especialidades do local. “Os médicos atendem os pacientes com carinho. Às vezes, a pessoa vem doente, sofrida e quando chega aqui é bem atendido, diferente do posto de saúde, que você chega, vai enfrentar uma fila enorme e o atendente, ainda por cima, te trata mal. Então, com o carinho que eles dão aqui, você vai até melhorando a sua autoestima, você se sente muito bem”, relata Nair Rocha.

Professora aposentada de Inglês do Instituto Municipal de Pesquisas, Administração e Recursos Humanos (IMPARH), e atualmente morando em Barbalha, Nair afirma já ter passado por todas as especialidades do ambulatório, em um ano e meio de consultas; serviço do qual não possui nenhuma queixa. “Parabenizo a UFC por esse curso aqui em Barbalha e que atende a toda essa região do Cariri. Vem gente até de Pernambuco se consultar aqui, então quer dizer que a coisa é boa. De gratidão, vou dar um curso gratuito de

Inglês aos residentes. O que posso dizer é que o atendimento aqui é excelente, é *number one* (número 1)”, elogia.

Uma semana após a conversa com Nair, desta vez em Sobral, impossível não se fascinar com o brincar dos olhos de Letícia ao fitarem o grupo de palhaços/doutores que adentra a enfermaria pediátrica da Santa Casa. Músicas, brincadeiras e cores dos alunos do Projeto Riso quebram, em segundos, o desânimo por conta de cinco dias de internação da menina. “Achei bom eles terem vindo porque as crianças ficam aqui tão estressadas e isso ajuda com que elas fiquem mais tranquilas”, conta Maria José Fontenele, mãe de Letícia. Ainda que envolto em um misto de timidez e surpresa, que a impedem de expressar em palavras (seriam esses os heróis que ela imaginava?), o gesto de acompanhar a equipe do Riso até a porta da enfermaria, como quem quisesse aproveitar aquela alegria até seu último instante, é delicado e ao mesmo tempo franco. “Você gostou dos palhacinhos?” Nem precisava perguntar. Com o olhar esfuziante, é com um movimento afirmativo que a pequena responde. Rápida, logo some em meio à rotina de hospital.

Nair e Letícia, duas pessoas que se distanciam no tempo e no espaço. Uma já senhora, a outra ainda menina; uma mora em Juazeiro do Norte, a outra, em Sobral. Então, leitor, já sabe o que as une? Para além da situação de enfermidade, elas puderam contar com um tratamento focado não na doença, mas sim, no doente. Contaram com um cuidado humano mais próximo, com profissionais com uma formação cada vez mais direcionada no sentido de ouvir a pessoa em seu contexto geral, e esse tem sido o grande diferencial dessa década de atividades da Medicina no Interior do Estado. “O nosso modelo pedagógico segue as diretrizes curriculares fazendo com que o médico deixe de ter essa visão individualizada e veja um doente, e não um fígado. Como é que você vai entender o seu paciente se você não sabe a linguagem dele? E, realmente, na Faculdade, a gente não estava aprendendo a falar com os pacientes. Deixamos de tocar nas pessoas, de ouvi-las, de olhá-las. Porém, essa nova metodologia que adotamos está tentando tornar o médico não somente mais próximo do paciente, como mais ético e mais humano”, confirma o coordenador do curso em Barbalha, Cláudio Gladston.

Senhor das artes 50 anos MAUC

O Museu de Arte da UFC completa 50 anos com uma novidade de encher os olhos. A inauguração da sala de Arte Estrangeira traz ao acervo permanente do espaço obras de Picasso, Miró e Rembrandt

por Hébely Rebouças

Porque a vida não basta, a arte existe, lembra o poeta maranhense Ferreira Gullar. Seja música, literatura ou pintura, ela se faz essencial, sossegando o que está agitado ou perturbando o que está quieto demais. Sendo assim, que tal trocar a rotina de estudos da sala de aula por algumas horas de contemplação? Comemorando 50 anos em junho deste ano, o Museu de Arte da UFC (MAUC) reabriu as portas em maio, após cerca de dois meses de reforma. A reinauguração trouxe uma novidade digna de festejo: além de abrigar os maiores artistas plásticos cearenses, o lugar agora conta com obras de nomes que marcaram o mundo, na recém-criada sala permanente de Arte Estrangeira.

Não é todo museu que pode se orgulhar de ter, em seu acervo, gravuras de Pablo Picasso, desenhos de Juan Miró, heliogravuras de Rembrandt (feitas a partir de originais

do pintor holandês). A nova sala também oferece uma vasta coleção de gravuras japonesas, produzida sob a coordenação da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), dando conta de um período de 200 anos da arte daquele país. “Estamos remontando o perfil eclético do Museu”, orgulha-se o diretor do equipamento, Pedro Eymar.

Os prestigiados pintores internacionais juntam-se ao legado deixado pela nata da arte plástica cearense e nordestina, também presente no MAUC. Considerado referência no que diz respeito à memória dos movimentos artísticos da Região, dados de meados do século XX, o patrimônio do Museu contempla obras de Raymundo Cela, Aldemir Martins, Descartes Gadelha, Antônio Bandeira, Chico da Silva, entre outros.

Entre os destaques do acervo, a tela “Duas épocas”, a última produ-

zida por Cela, também reconhecido como um dos mestres da gravura brasileira; a coleção de 12 guaches de Chico da Silva que, em 1966, recebeu menção honrosa na tradicional Bienal de Veneza (Itália), uma das mais importantes exposições mundiais de arte contemporânea; os famosos “Flora Azul”, “Cidade Queimada de Sol” e “Amazonas Guerreando”, do nacionalmente reconhecido abstracionista Bandeira; a coleção “Cicatrices Submersas”, onde Gadelha realiza um registro estético da tragédia de Canudos.

Instalado em 25 de junho de 1961, o MAUC foi idealizado pelo reitor Antônio Martins Filho, após viagem pela Europa, onde visitou museus de Madrid, Florença, Milão e Gênova. Foi quando surgiu a preocupação com o fazer artístico cearense e com a necessidade de um espaço de preservação e difusão de nossa arte. “Fomos gradativamente adquirindo material para uma mostra de arte popular do Nordeste, ex-votos e peças de arte sacra, além de



Inauguração da sala permanente de Arte Estrangeira do MAUC proporcionou acesso do público e da comunidade universitária a obras de Picasso, Miró e Rembrandt

telas de artistas plásticos do Ceará. Destinei um dos imóveis próximos à Reitoria para a sede do Museu e nele foram feitas as adaptações necessárias”, escreveu Martins Filho.

A inauguração do Museu é descrita pelo diretor Pedro Eymar não como um evento isolado, mas como um conjunto intrincado de acontecimentos com repercussão até internacional. Para a primeira exposição, buscou-se reunir obras espalhadas por todo o Estado, tanto de acervos particulares quanto públicos, estendendo os elos do MAUC com colecionadores e entidades culturais. Quinze dias depois, o espaço se abriu para uma exposição de Bandeira, chegado havia poucos anos da Europa e de mostras no Rio de Janeiro e na Bahia.

A vinda de Bandeira ao MAUC atraiu críticos de todo o País, jogando holofotes ao recém-inaugurado Museu. Paralelamente, a ida à Europa de uma coleção de xilogravuras pertencentes à UFC, assinada por artistas nordestinos, também fez parte do marco de inauguração do MAUC, levando a outros países o nome da Universidade e o de seu mais novo equipamento cultural.

Hoje, com sete salas abertas ao público, o Museu possui o segundo maior acervo permanente do Ceará,

com mais de cinco mil peças, ficando atrás apenas do Museu Histórico do Ceará, que possui cerca de sete mil obras de arte e é mantido pelo Governo do Estado.

Arte e educação

O MAUC tem ainda outras facetas. Trata-se também de um lugar de aprendizado, de convergência entre arte e educação. Com a recente reforma do Museu, será retomado um calendário de cursos e oficinas. De acordo com Pedro Eymar, será ampliado o rol de oficinas, para além das lições de xilogravura, incluindo cursos de desenho e técnicas artísticas. Por isso, foram acrescentadas no espaço salas destinadas exclusivamente para oficinas e atividades de recuperação de obras, o que aproximará ainda mais o equipamento da comunidade.

Pelas oficinas de xilogravura passaram artistas como Francisco de Almeida, cearense de Crateús que, em 2010, retornou ao MAUC para expor a maior gravura já produzida no Brasil. Com 1,50 metro de altura e 20 metros de comprimento, “Os quatro elementos” levou seis anos para ser produzida e trabalha a temática religiosa nordestina, apresentando

dramas que representam os quatro elementos: água, ar, terra e fogo. Do Ceará, Almeida despontou para a Bienal de Valencia (Espanha).

A relação entre arte e educação se dá ainda através da aproximação com a pesquisa acadêmica. O Museu também está de portas abertas para estudantes e professores com interesse em transformar seus estudos em objeto de contemplação. Em 2010, a arquiteta Cláudia Sales de Alcântara, formada pela UFC e hoje doutoranda em Educação, foi curadora de uma exposição sobre a trajetória da antiga Escola de Visitação Alimentar Agnes June Leith, que de 1944 a 1966 formou mulheres responsáveis pela educação alimentar em restaurantes populares e postos de subsistência do extinto Serviço de Alimentação da Previdência Social. A Escola foi mote da tese da então doutoranda em Educação Marlene Cidrack.

Foram reunidas 192 fotografias da época de funcionamento da Escola, além de uma coleção de materiais das chamadas “visitadoras de alimentação”, que conta parte dos costumes da Fortaleza de décadas passadas. “A iniciativa provocou uma sensibilização, uma mudança de olhar tanto dos professores quanto dos alunos em relação às artes, ao próprio Museu. As pessoas diziam: ‘nossa, nunca pensei que fosse possível’. Eram possibilidades que nunca tinham sido cogitadas”, relata.

O lado dramático

Entretanto, apesar de sua importância e localização estratégica, a repercussão do MAUC permanece tímida. A média de visitação anual no equipamento é de cerca de 4 mil pessoas, número considerado bastante modesto. Conforme lamentou a Prof^a Beatriz Nogueira Diógenes, do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, “há casos de alunos que passaram cinco anos na graduação em Arquitetura e nunca sequer pisaram no Museu”, que fica no mesmo

terreno onde funciona o curso.

O problema não é isolado e integra um contexto nacional preocupante. Dados do Ministério da Cultura divulgados em 2010 mostram que 93% da população brasileira nunca foram a uma exposição de arte, embora haja cerca de 2.100 museus espalhados pelo País.

E não é difícil identificar personagens que comprovem essas estatísticas. Em um breve passeio pelo Centro de Humanidades da UFC, a reportagem de *UP* conversou com a jovem Natasha Pereira, aluna do 3º semestre de Letras-Português. “MAUC? Eu nem sabia que existia. É aquele da Arquitetura?”

De acordo com a Secretaria da Cultura do Ceará, há 116 unidades museológicas espalhadas por todo o Estado. Na maioria desses estabelecimentos, a entrada é gratuita ou pode ser feita mediante pagamento de taxas simbólicas, que raramente ultrapassam os R\$ 2,00. Quais seriam, então, os motivos do reduzido público?

Para a Profª Beatriz Diógenes, falta incentivo de parte do corpo docente. Ela recordou que conteúdos relacionados aos movimentos culturais cearenses não fazem parte, obrigatoriamente, da ementa da disciplina de História da Arte, optativa para diversos cursos da UFC. Outro fator prejudicial no MAUC: há apenas uma museóloga no espaço, contratada em 2010, via concurso público. A situação, no entanto, já foi bem pior. Na década de 1990, relata Pedro Eymar, não era raro encontrar goteiras e outros problemas de manutenção no prédio. “Nós gostaríamos de provocar mais, de extrapolar mais nossos muros, mas somos apenas quatro funcionários, contando com a ajuda de bolsistas (cerca de 20)”

Tudo que chega ao MAUC é resultado do apoio da Administração Superior e de captação externa, através de editais e parcerias. Embora ainda feche aos fins de semana e também não receba visitas no período noturno, a Pró-Reitoria de Extensão, a quem o Museu é ligado, informou que já foram iniciados contatos para

viabilizar a abertura do equipamento nas noites de sexta-feira e aos sábados e domingos.

Divulgação e soluções


À maioria do público, nenhum outro motivo para a pouca visitação é tão forte quanto a suposta falta de divulgação do acervo do MAUC. “Falta difundir. Em outros museus você sabe qual exposição está aberta, o horário de funcionamento. Aqui, a gente mal ouve falar”, disse Islene Ferreira, do 2º semestre de Administração.

Gênesson Lima Santos, do 5º semestre de Letras/Espanhol, conta que sabe da existência do MAUC e, mesmo assim, nunca entrou no local. O motivo é que “não há estímulo. Você não sabe o que tem lá dentro, então nem se interessa em visitar”.

Observando a situação, um grupo de alunos do 6º semestre de Publicidade e Propaganda resolveu agir. Os estudantes elaboraram uma campanha para o MAUC, com diversas ações estratégicas com vistas à divulgação do acervo do equipamento. A partir de reunião com a Administração Superior da UFC, foram liberados recursos para melhorar a sinalização do local, instalar letreiro com o nome do Museu, reformar sua antiga marca, dar nova pintura às salas de exposição e compor novo *layout* das

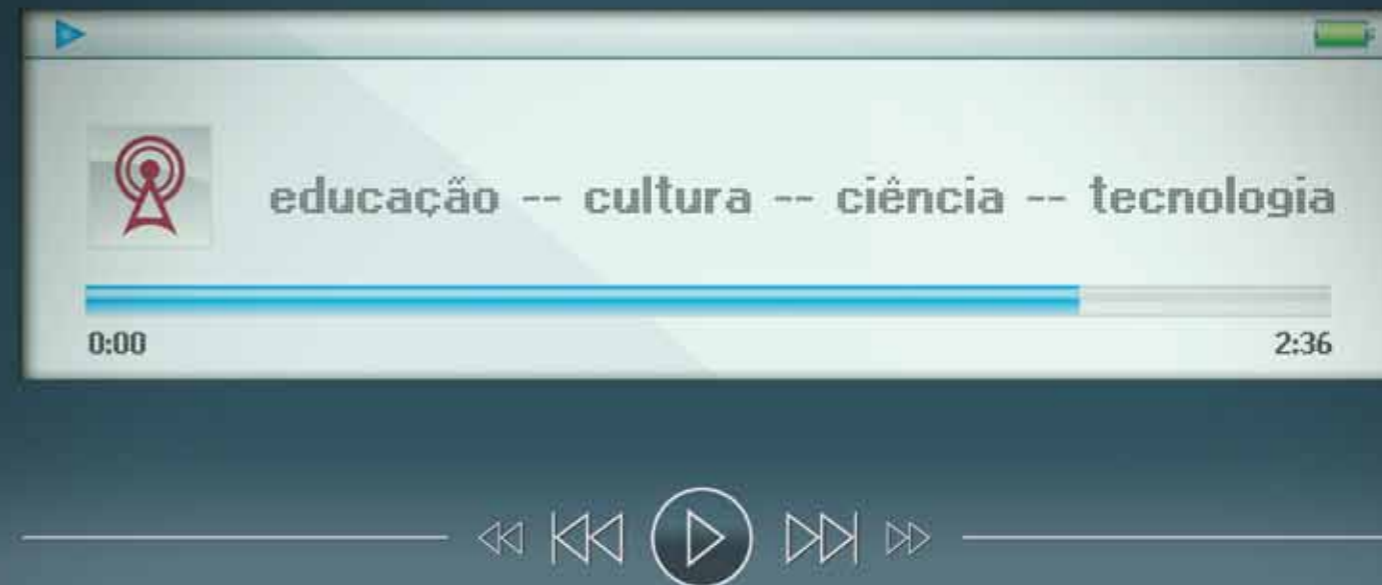
legendas das obras de arte.

De acordo com um dos membros da equipe, o estudante Mário César de Freitas, haverá ainda uma divulgação massiva do acervo entre a comunidade acadêmica e para a sociedade em geral, através de cartazes, marcadores de texto e vários outros materiais. A concepção da campanha passa pelas relações entre arte e vida, fazendo um paralelo entre cenas do cotidiano e obras de artistas presentes no MAUC. “Queremos mostrar que toda aquela arte preservada não surgiu do nada, mas foi feita a partir da nossa realidade”, explicou.

Com a reforma completa do Museu e as novidades em sua sinalização e divulgação, as dificuldades vivenciadas pelo equipamento devem ficar, de vez, no passado. Peça essencial da valorização do corredor cultural do Benfica, esse senhor das artes está, sim, preparado para os próximos 50 anos. 

MUSEU DE ARTE DA UFC

Av. da Universidade, 2854 – Benfica
Segunda a sexta: 8h às 12h e 14h às 18h
Entrada gratuita
Telefone: (85) 3366.7481
Site: www.mauc.ufc.br



EM SINTONIA COM A UNIVERSIDADE

No ar há sete anos, o Programa Jornal da Educação dá voz à produção científica e cultural da Universidade Federal do Ceará. Professores, estudantes e profissionais dialogam com a sociedade e debatem questões como educação, cultura, ciência e tecnologia. Sugira pautas e acompanhe diariamente, das 12h30min às 13h15min, na Universitária FM 107,9 ou pelo site www.universitariafm.com.br.



educacaoufc@radiouniversitaria.com.br
Tel: (85) 3366-7477



CIÊNCIA EM BÊ-Ã-BÃ

por Raquel Chaves

Fazer Ciência pode ser mais fácil do que se pensa, e mais cedo do que se costuma. A Secretaria da Educação do Estado ganhou recente parceria para organizar a Feira Estadual de Ciências, que chega à sua 5ª edição em 2011. Com essa união, ganham os estudantes do Ensino Fundamental

A necessidade de fazer experimentações e sair dos limites da teoria entre as quatro paredes de uma sala de aula vem estimulando cada vez mais professores, gestores e alunos a investirem nas participações em feiras de Ciências. Pura transmissão de cultura científica em terreno fértil. Quanto mais cedo começa o interesse, melhor, avaliam especialistas. Prevista para começar em novembro próximo, a V Feira Estadual de Ciências ganhou, recentemente, um parceiro de respaldo: a Seara da Ciência, espaço de divulgação científica e tecnológica da Universidade Federal do Ceará.

As quatro edições anteriores foram organizadas, exclusivamente, pela Secretaria da Educação do Estado (Seduc). Em 2010, no entanto, a Seara da Ciência venceu edital do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para promoção de feiras de Ciências. Com isso, vai receber, durante dois anos, recursos da ordem de R\$ 200 mil. Vencido o edital e conhecido o trabalho já exitoso da Seduc na organização da Feira Estadual, a parceria se

tornou inevitável.

“Este ano, o principal aspecto que merece ser destacado é essa parceria com a Seara. Vai nos dar um impulso fantástico”, comemora o Prof. Ricardo Léo Ramos, coordenador da Feira Estadual e assistente técnico da Coordenadoria de Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem da Seduc. O professor explicou que a colaboração da Seara da Ciência será essencial para a inserção de estudantes do Ensino Fundamental no evento.

O montante capitalizado através do edital do CNPq deve ser usado, principalmente, para custear despesas de hospedagem e alimentação dos alunos do Ensino Fundamental participantes da Feira Estadual de Ciências, que acontecerá em Fortaleza. Além disso, “o projeto vai contar com bolsas do CNPq, por seis meses, para os cinco melhores trabalhos

dos ensinos Médio e Fundamental”, afirmou o Prof. Ilde Guedes, do Departamento de Física da UFC, também vice-diretor da Seara.

Empolgados em uma labuta de formiguinha, professores da Seara e técnicos da Seduc têm visitado várias cidades para explicar a importância da Feira e trazer o maior número possível de alunos e professores. Já foram visitados municípios como Camocim, Sobral, Tianguá e Acaraú, além de escolas em Fortaleza, como o Liceu de Messejana. E já estão programadas visitas a Maracanaú, Horizonte, Baturité e Quixadá. “A gente tem sentido um interesse enorme, principalmente na rede pública”, disse à UP o Prof. José Evangelista Moreira, também da Seara da Ciência. A equipe deve participar, de maneira ativa, da seleção, avaliação e julgamento final dos trabalhos da V Feira Estadual de Ciências.

A empolgação segue em cadeia. “Durante essas viagens, vimos o entusiasmo de todos os professores. A receptividade tem sido a melhor possível e as perspectivas de parcerias futuras, também”, avalia o professor de Física Cleuton Freire – mais um membro da Seara, que, em breve, ganhará uma nova sede. “Pelo menos quatro vezes maior que essa [do Benfíca]”, complementa sorrindo o Prof. José Evangelista. Ele se refere ao novo espaço que funcionará no Campus do Pici, com teatro equipado e com capacidade para 200 lugares. “Uma espécie de minicentro de convenções”.

Do Ceará para o mundo

Entre os frutos já colhidos pelas edições anteriores da Feira Estadual de Ciências está a classificação dos estudantes cearenses, desde o primeiro ano, em feiras nacionais e internacionais. “Os nossos campeões podem ir para outras feiras, já pré-classificados”, salienta o professor Ricardo Léo Ramos. De acordo com ele, o evento mantém convênio com seis feiras nacionais. Quando são campeões em âmbito nacional,

classificam-se para competições além-fronteiras. “Já temos vários campeões cearenses internacionais no Peru, Colômbia, Chile, Inglaterra, África do Sul, Tunísia, EUA, México...”, enumera. “Tenho colegas da região Sul que me perguntam, brincando, o que nossos meninos comem, para chegarem lá e serem campeões em tudo”, orgulha-se.

A satisfação do Prof. Ricardo é respaldada por exemplos como o da equipe do Prof. Giovanni Ramos de Mesquita e seus alunos da Escola Estadual de Educação Profissional Rita Aguiar Barbosa, em Itapipoca (a cerca de 150 quilômetros de Fortaleza). Com o projeto “Esteira Seletora de Grãos”, o grupo ficou em 2º lugar no Prêmio Microsoft Educadores Inovadores 2010 (categoria robótica educacional). Ao todo, foram 1.056 inscrições de todos os estados brasileiros.

Desde 2007, quando se iniciou a Feira Estadual de Ciências, os ganhos foram sendo incorporados ano a ano, inclusive financeiros e logísticos. Segundo Ricardo, na

primeira edição, os participantes dormiram em colchonetes no Liceu do Ceará. “A partir de 2009, já migramos para um hotel, com alimentação, estadia etc”, disse. Todas as edições do evento ocorrem na Capital.

Ciência por todos os lados

Para uma criança ou um adolescente, o despertar para o conhecimento científico pode ser estimulado na prática. “Devemos favorecer as relações dinâmicas de conhecimento entre as disciplinas, envolver práticas e conceitos. O professor pode ser o assistente científico, pedagógico. Nas feiras de Ciências, os intercâmbios, inclusive culturais, gerados ali são algo fantástico”, explica o Prof. Ricardo Léo Ramos, da Seduc.

É o que pode ser observado também durante as visitas diárias feitas por grupos de estudantes de várias idades aos laboratórios e sala de exposição da Seara da Ciência, no Campus do Benfíca.



A monitora Deborah Monte Medeiros, aluna do curso de Matemática da UFC, explica fenômenos da Física para estudantes que visitam a Seara da Ciência. Ao tocar uma esfera metálica eletrizada, Maria Zilma de Sousa, de 16 anos, tem os cabelos arrepiados

“Sabe o que é isso? É sair do abstrato para o concreto. Toda vez que fazemos isso, ganhamos em aprendizagem”, acerta Ricardo. Ele referia-se ao empolgado grupo de alunos que, perto dali, divertia-se no Laboratório de Física da Seara, enquanto se lançavam foguetes artesanais e se eriçavam os cabelos das meninas ao simples toque em uma esfera. Cada passo dos experimentos destrinchado em detalhes.

“Na sala de aula não costumamos ver experiências assim. A gente vê essas coisas aqui e fica superestimulado! Eles mostram tudo como é, levam a gente para participar das experiências”. As palavras de Maria Zilma de Sousa, a Zilminha, adensam o coro dos estudantes que costumam visitar a Seara. Aos 16 anos, Zilminha visitava o espaço, no último dia 10 de maio, pela primeira vez. “A gente acaba aprendendo, enquanto se diverte ao mesmo tempo”, definia a adolescente, que cursa o 9º ano no Colégio Ateneu. Para ela, que costuma participar de feiras de ciências desde pequena e colecionar medalhas no colégio, esse tipo de evento “agrega os alunos”.

Em outra atividade atrativa para estudantes, o Grupo de Teatro Científico da Seara da Ciência esteve em cartaz, durante o mês de maio, com o espetáculo “Cearense por opção: uma desbiografia de Rodolfo Teófilo”, no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Com a vinculação da Seara às atividades da Seduc na organização da Feira Estadual de Ciência, a ideia é que as apresentações desse grupo e de um show intitulado “Magia da Ciência” sejam ampliadas também para esse evento. Outro ponto a favor da Seara são suas relações já estabelecidas com parceiros nacionais. O espaço faz parte, por exemplo, da Rede de Popularização da Ciência, além de ser sócio-fundador da Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências (ABCMC).



Professores Cleuton Freire, Hermano Bezerra, Ilde Guedes, José Evangelista e Marcos Vale compõem a equipe da Seara. Já o Prof. Ricardo Léo Ramos (segundo, da direita para a esquerda) representa a Seduc na parceria com a UFC para a V Feira Estadual de Ciências

Jovem e cientista

A participação de estudantes nas feiras de Ciências locais, nas escolas, e em feiras maiores como a Estadual pode abrir caminhos para experiências mais amplas. Até 31 de agosto, por exemplo, o CNPq inscreve para o 25º Prêmio Jovem Cientista (www.jovemcientista.cnpq.br). A edição 2011/2012 comemora os 30 anos do Prêmio e os 60 anos do órgão de fomento científico. Ao longo de sua história, o Prêmio teve mais de 15 mil trabalhos inscritos e premiou 152 estudantes e pesquisadores, concedendo o mesmo número de bolsas de estudos.

O tema da próxima edição do Prêmio é “Cidades Sustentáveis” e pretende, segundo o CNPq, promover o debate e a pesquisa, revelar talentos e investir em estudantes e jovens pesquisadores que procuram alternativas para os problemas brasileiros. Uma das quatro categorias é direcionada a estudantes que ainda não chegaram à universidade. Outra delas abre espaço para instituições de Ensino Médio que tiverem vinculado o maior número de trabalhos com mérito científico.

Na edição mais recente (biênio 2009/2010), por exemplo, o Ceará teve destaque, com o prêmio Mérito Institucional – Ensino Médio. Com o tema “Energia e Meio Ambiente – Soluções para o futuro”, o Colégio da Polícia Militar do Ceará (CPMCE) foi agraciado devido à grande quantidade de pesquisas com mérito científico que inscreveu naquela edição. No resumo oficial da edição 2009/2010, disponibilizado pelo CNPq, o diretor do CPMCE, Coronel Luiz Solano, apontou a conquista do prêmio como fruto do esforço de professores e alunos. “A escola apenas serve como ponte entre eles”, afirmou. 

SERVIÇO

Seara da Ciência
Rua Paulino Nogueira, 315 – Benfica
Telefone: (85) 3366.7375
www.seara.ufc.br



Acreditamos que a **educação** é o caminho mais seguro para a promoção do **crescimento social**.

É por isso que as nossas atividades estão sempre em sintonia com as ações da maior e melhor instituição de ensino superior do Ceará, a UFC. Participe dos nossos programas de qualificação, profissionalização e especialização.

Violência nas Universidades - onde vamos parar?

Escolas e universidades não escapam à onda de violência que tem preocupado o País. A UFC tem tomado medidas para tentar coibir novos casos, mas o desafio requer mais investimentos e novas estratégias. O problema é que, nesse ponto, a comunidade universitária ainda não está afinada ou preparada para possíveis mudanças

por Hébely Rebouças

No bloco de Educação Física, um dos mais isolados do Campus do Pici da Universidade Federal do Ceará, ficar sozinho nos pontos de ônibus à espera de transporte tornou-se atitude impensável. Agora, quem não tem carro próprio, pega carona com o colega ou se articula para formar grupos dispostos a aguardar, juntos, pelo coletivo. Além de não andar com objetos valiosos e grandes quantias em dinheiro, essas foram algumas das estratégias dos estudantes e funcionários do local para evitar um dos problemas que mais têm preocupado a Instituição nos últimos anos: a violência.

Quem relata é o estudante José Edmilson Magalhães Neto, do 5º semestre de Educação Física da UFC, ao revelar um sentimento permanente de “apreensão” entre os amigos, diante dos casos de assalto, furto e até sequestros dentro do Campus. “Comigo nunca aconteceu nada, mas teve um dia que, aqui no estacionamento, uns três ou quatro carros foram arrombados de uma vez”, conta.

De acordo com o chefe da Divisão de Vigilância e Segurança da UFC, Gumerindo Pinho, até o último mês de abril, a cada duas

semanas havia pelo menos um registro de furto na Universidade. Embora menos frequentes, os “sequestros-relâmpago” também já começam a preocupar. No fim de março, teria ocorrido um caso nas imediações do Centro de Tecnologia (Pici) e outros dois na área do Centro de Humanidades (Benfica) – nos quais, segundo Pinho, não ficou comprovado o uso de armas.

A Administração Superior está ciente da situação. Não apenas no Pici, mas também nos outros dois campi da UFC em Fortaleza, chama a atenção o número de ocorrências. Por tratar-se de um espaço público, completamente aberto à comunidade, a Instituição acaba perdendo o controle do fluxo de pessoas. Estima-se que, diariamente, uma média de 40 mil estudantes, professores, servidores e visitantes circulam pelos campi da UFC.

Em abril passado, um estudan-

te chegou a levantar um revólver e a ameaçar disparar após ter os pneus do carro esvaziados por outros usuários do Campus do Pici, em represália ao fato de ele, supostamente, ter parado o veículo em local proibido, interrompendo a passagem dos motoristas. O fato foi parar na imprensa local e, mais uma vez, acendeu o sinal de alerta da Universidade. Afinal, o que fazer para prevenir e combater a violência no ambiente universitário?

O noticiário nacional mostra que a UFC não está isolada. Também em abril, na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, uma estudante de 20 anos foi estuprada por um homem foragido da polícia. Em 2010, bandidos chegaram a interromper uma aula ao invadirem a sala para fazer um “arrastão” de telefones celulares, computadores e outros pertences dos estudantes na Universidade Federal do Piauí.

O Ministério da Educação (MEC) afirmou, por meio de sua assessoria de imprensa, não ter dados globais sobre

a violência nas universidades. Entretanto, já definiu: quer que, até o fim deste ano, reitorias de todo o País elaborem planos de segurança, para, em 2012, poderem pleitear recursos específicos para a implantação de ações de combate e prevenção à violência.

Medidas urgentes

Enquanto o Governo Federal não investe com força nessa demanda, a UFC afirma que tem adotado medidas para coibir novos casos. Em uma iniciativa impensável para algumas décadas atrás – quando a presença da Polícia Militar nos campi representava uma afronta ao sentimento de liberdade da comunidade universitária –, foi estabelecida parceria entre a Universidade e a Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Estado (SSPDS), que tem garantido a circulação de viaturas do programa Ronda do Quarteirão ao longo de 212 hectares do Campus do Pici, desde meados de fevereiro deste ano.

Segundo o Pró-Reitor de Administração, Prof. Luís Carlos Uchôa Saunders, uma reunião com a cúpula do Ronda seria feita, na segunda quinzena de maio, a fim de reforçar a presença dos policiais no entorno dos campi do Benfica e do Porangabaçu, áreas onde são frequentes os relatos de assaltos e furtos.

Outra novidade recente foi a criação de uma linha telefônica exclusiva para denúncias de ocorrências na UFC – a 3366.9190 –, com atendimento 24 horas. A Universidade também diz ter aumentado o contingente de vigilantes e reforçado a guarda motorizada – conforme a Divisão de Vigilância, os números não são divulgados por motivo de segurança. Além disso, de acordo com Saunders, no último mês, a Administração Superior deslocou R\$ 75 mil somente para a intensificação da iluminação, capinação e poda de árvores e urbanização nos campi

Funcionários terceirizados e segurança própria da UFC precisam fazer novos cursos para atender ao público universitário





“Não pode haver nenhum tipo de controle ou restrição [de acesso à Universidade]”
Alicia Vasconcelos, 3º semestre de Administração

“A segurança dentro do campus é até legal, mas só venho de melhorar no entorno”
Benício Domingos, 3º semestre de Administração

“Aqui é um ambiente onde eu me sinto segura, mas só venho pela manhã; nunca vi nada de estranho”
Isabel Costa, 1º semestre de Letras/Português

“Deve haver um sistema de identificação de todo mundo que entra na UFC”
Márcio Mitsuru, 7º semestre de Educação Física

“Comigo nunca aconteceu nada, mas aqui uns três ou quatro carros foram arrombados de uma vez”
Edmilson Neto, 5º semestre de Educação Física

“Não acho que tem como controlar o fluxo; é preciso melhorar a fiscalização”
Rakel Ribeiro, 1º semestre de Letras/Português

– até maio, as ações estavam em andamento –, o que promete dificultar a ação dos bandidos.

Brasil afora, várias instituições de Ensino Superior têm lançado mão de forte aparato tecnológico para enfrentar a violência e garantir a inviolabilidade do patrimônio público. As câmeras de monitoramento são os equipamentos favoritos. As universidades federais de Pernambuco, Pará e Santa Catarina são algumas das que resolveram gastar com tais ferramentas. Em abril, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) instalou nada menos que 240 câmeras, sendo 14 móveis, em um investimento que chegou a R\$ 3 milhões.

A UFC também pretende se juntar a esse time, segundo Gumercindo Pinho. Ele explicou que a Instituição está concluindo os primeiros levantamentos do projeto de utilização desses mecanismos. O Pró-Reitor de Administração explicou que a Instituição também aguarda a liberação de outras verbas do MEC para novos investimentos em segurança.

Realidade complexa

Por mais tentadora que seja a tese, engana-se quem pensa que somente com dinheiro, tecnologia e vigilância as Universidades irão solucionar os problemas com a violência. Assim como ocorre no restante da sociedade – em que a origem e o agravamento da situação se dão pela carência de educação, cultura e saúde –, sobre as Universidades também pesa uma série de variáveis – complexas – que contribuem para a construção de insegurança.

Basta atentar para o que conta um dos pesquisadores do Laboratório de Estudos da Violência (LEV) da UFC, Prof. Leonardo Sá. “Antes de ser professor da UFC (Departamento de Ciências Sociais), ensinei durante nove anos em faculdades privadas. Nelas, mesmo com aparato de segurança equivalente ao de shoppings, os casos de violência eram graves e ocorriam independentemente. Exemplo: tráfico de drogas. Existem quadrilhas que se matriculam com a intenção de cometer esse tipo de crime. Ilícitos envolvendo violência sexual, homofobia e racismo também eram comuns. Percebi que o investimento

técnico-tecnológico não é suficiente pra reverter uma situação de insegurança”, afirmou, durante entrevista ao programa Rádio Debate, da FM Universitária (107,9 MHz), no fim de abril.

O depoimento provoca a reflexão sobre quais são, afinal, as alternativas a serem seguidas pela Instituição. Para o pesquisador do LEV, “a percepção de que estamos num ambiente livre é o ponto de partida para a construção de uma estratégia. Não que iremos dispensar suportes tecnológicos, mas é imprescindível a participação da comunidade universitária na definição de seus próprios padrões de convivência. A UFC pode se fechar para a sociedade (com a restrição de acesso aos campi)? O conceito de Universidade permite isso?”, questionou Leonardo Sá.

Embora seja apontada como possível alternativa, é polêmica – e nada simples de ser executada – a proposta de disciplinar a entrada e saída de pessoas nos campi da UFC, mas a Administração Superior já estuda, ainda em fase preliminar, a possibilidade de fiscalizar o fluxo. “Não se controla a entrada de carros nos estacionamen-

tos? Então por que não se controlar a entrada de pessoas?”, lançou o Pró-Reitor Luís Carlos Saunders.

A medida evitaria episódios como o vivido pela estudante Camilla Machado, do curso de Comunicação Social. Ela lembra que, em 2008, sua turma fora surpreendida por um indivíduo que havia entrado na sala onde estudava, em pleno horário de aula, para pedir esmola. Explicando não se tratar de preconceito, ela diz que a situação assustou os estudantes. “E se fosse alguém armado e que quisesse assaltar todo mundo? Teria feito”, especula.

Acontece que, pelo menos por enquanto e por vários motivos, ficaria difícil estabelecer um padrão de acesso à UFC. Primeiro porque no Campus do Pici, por exemplo, há nada menos que 58 casas, com 252 moradores, o que impediria a restrição do acesso apenas a estudantes, professores, funcionários e visitantes. Segundo – e principalmente por isso – porque não há consenso entre a comunidade acadêmica sobre o uso de medidas mais drásticas para a fiscalização dos campi, como a intensificação do policiamento, o uso de catracas e outras alternativas.

Apesar de estudantes como Camilla garantirem ser a favor da presença militar dentro e nos arredores da Universidade, a Administração Superior da UFC explica que a cultura hegemônica da Instituição é contrária a esse tipo de medida. “Quando a gente corria da polícia, na época da ditadura, a gente se acolhia na Universidade, como um espaço em que a violência do Estado não chegava”, exemplifica o apresentador do programa Rádio Debate e professor da UFC, Agostinho Gósson, ao corroborar a tese do Pró-Reitor de Administração sobre um suposto “ranço cultural”, oriundo de décadas passadas, quando “era impensável se ver um policial na frente da Universidade”.

Até quando o assunto é o disciplinamento e a triagem do acesso de pessoas aos campi há enormes divergências. Para o estudante Márcio Mitsuru, do 7º semestre de Educação Física, “deve haver um sistema

de identificação de todo mundo que entra na UFC”. Por outro lado, há um grupo que pensa como a jovem Alicia Vasconcelos, do 3º semestre do curso de Administração, para quem “não pode haver nenhum tipo de controle ou restrição”, já que a Universidade se caracteriza por ser um espaço aberto à sociedade.

O papel de cada um


Enquanto não se chega a um acordo, as medidas tomadas pela UFC devem ser acompanhadas de dose extra de atenção por parte da comunidade acadêmica. Isso porque, de acordo com os gestores ouvidos por UP, há situações que poderiam ser evitadas com um pouco mais de cuidado por parte dos usuários.

O comportamento, por vezes, negligente tem a ver com a natureza do espaço da Universidade. Conforme observa o Pró-Reitor de Graduação, Prof. Custódio Almeida, “quando o estudante entra na Universidade, ele se sente protegido. Há uma pretensa sensação de proteção que o faz largar



Prof. Leonardo Sá, do LEV/UFC: “a percepção de que estamos num ambiente livre é o ponto de partida para a construção de uma estratégia”

a mochila, se distrair. Essa sensação talvez os deixe mais relaxados e menos vigilantes”, opina.

Gumercindo Pinho também lembra que é comum alunos e professores deixarem seus carros com portas e vidros entreabertos ou com objetos de valor, sobretudo notebooks à mostra, chamando a atenção de possíveis criminosos. 

DICAS DE SEGURANÇA

No campus

Sempre que houver necessidade de permanecer nas dependências da Universidade fora do horário administrativo e/ou acadêmico, comunique à Divisão de Vigilância (3366.9190);

Não fique dentro do carro em lugares desertos, telefonando ou fazendo leituras;

Não comente seus hábitos (horários, local de trabalho, itinerários, previsão de viagens etc.) com estranhos;

Procure andar em grupo, principalmente à noite;

Não abra bolsas e carteiras em vias públicas;

Não deixe objetos valiosos e/ou materiais de trabalho (como laptops, câmeras fotográficas etc.) expostos no veículo; use o porta-malas;

Quando sozinho, não deixe objetos na mesa, se dela se afastar;

Só entregue seus pertences a pessoas credenciadas, nos guarda-volumes.

No local de trabalho ou de estudo

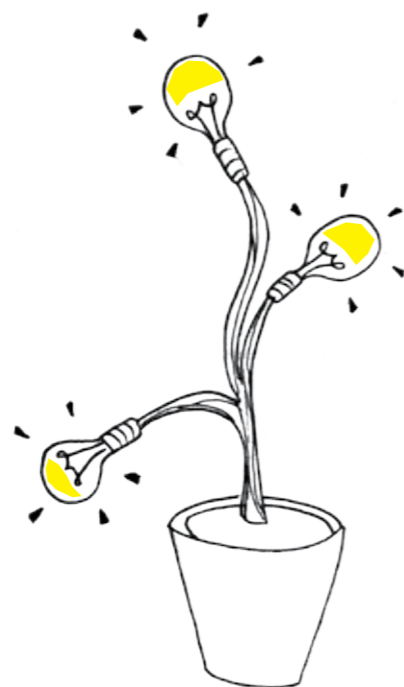
Não deixe equipamentos e outros objetos nas salas, após as aulas;

Mantenha cortinas fechadas, após o expediente;

Se alguém chegar ao seu setor, mesmo uniformizado, dizendo que precisa retirar um equipamento, verifique com o chefe imediato se há autorização. Se houver, anote nome e RG de quem está retirando o aparelho. Caso haja dúvida, comunique à Divisão de Vigilância (3366.9190);

Em caso de arrombamento, não entre nem permita a entrada de outras pessoas no local.

Discutindo Ideias Inovadoras em Políticas Públicas



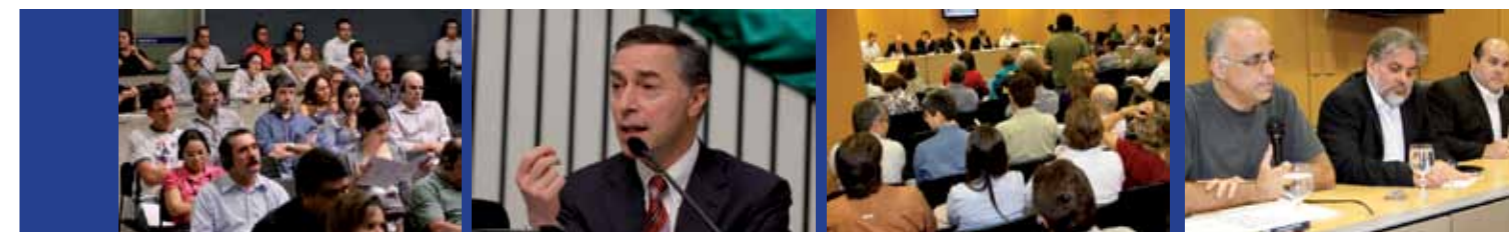
Subsidiar gestores públicos e cidadãos para inovações desenvolvidas em todo o planeta, nas áreas de planejamento urbano, mobilidade, saúde, educação, segurança pública, cultura, sustentabilidade, etc., reunindo importantes pensadores nacionais e internacionais para debaterem experiências, modelos e visões de mundo diferentes sobre como superar os desafios da vida individual e coletiva, nos estados e nas grandes metrópoles. Esse é o objetivo do **Fórum de Ideias Inovadoras em Políticas Públicas – FIP**, realizado, mensalmente, pelo **Instituto de Estudos e Pesquisas para o Desenvolvimento do Estado do Ceará – INESP** da Assembleia Legislativa do Ceará.



FIP Março > Vida, Mobilidade e Felicidade Urbana

Com o objetivo de ir além da discussão sobre trânsito, este FIP nos mostrou que mobilidade urbana não pode ser pensada fora da lógica da produção econômica, da cultura e do social. Considerando a mobilidade, a liberdade e a felicidade interdependentes e complementares, o encontro propôs a integração de diferentes e inovadoras visões de mundo para subsidiar novos caminhos para os desafios, na mobilidade urbana, apresentados pelas grandes cidades.

Debatedores: Roberto DaMatta, Robert Cervero, Leonardo Maciel, Stanislau Affonso, Nadja Glheuca Dutra e Fausto Nilo.



FIP Abril > Ideias para o Crescimento Econômico com Equidade Social

Em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Economia da UFC, CAEN, e o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica para o Desenvolvimento do Estado do Ceará – IPECE, o Fórum apresentou agendas possíveis para o crescimento econômico com Justiça Social. Trouxe para o debate os fatores relevantes à melhoria da competitividade econômica cearense e nordestina, e estratégias efetivas de combate à pobreza, qualificando as discussões públicas sobre desigualdade social e apresentando soluções factíveis para a efetivação dos direitos básicos de cidadania no Ceará.

Debatedores: Richard Locke, Mauro Filho, Sydrião Alencar, Sônia Rocha, Raul Silveira Neto, Flávio Ataliba, Nelson Martins, Sergei Soares, Eduardo Diogo, Ruda Ricci, João Mário de França e Jessé de Souza.



FIP Maio > Economia Verde. Uma Agenda Positiva nas Esferas Públicas e Privadas

Atentos às discussões da Semana do Meio Ambiente, o INESP e o Conselho de Política e Gestão do Meio Ambiente – Conpam, promoveram um debate diferenciado sobre novos caminhos para reconciliar a economia e a natureza. Superando a crença animista da natureza, que povoa os discursos ecológicos e os discursos moralistas, o FIP mostrou a necessidade de uma nova racionalidade socioambiental, que supere o senso comum e desenvolva relações harmoniosas entre o homem, a economia e a natureza.

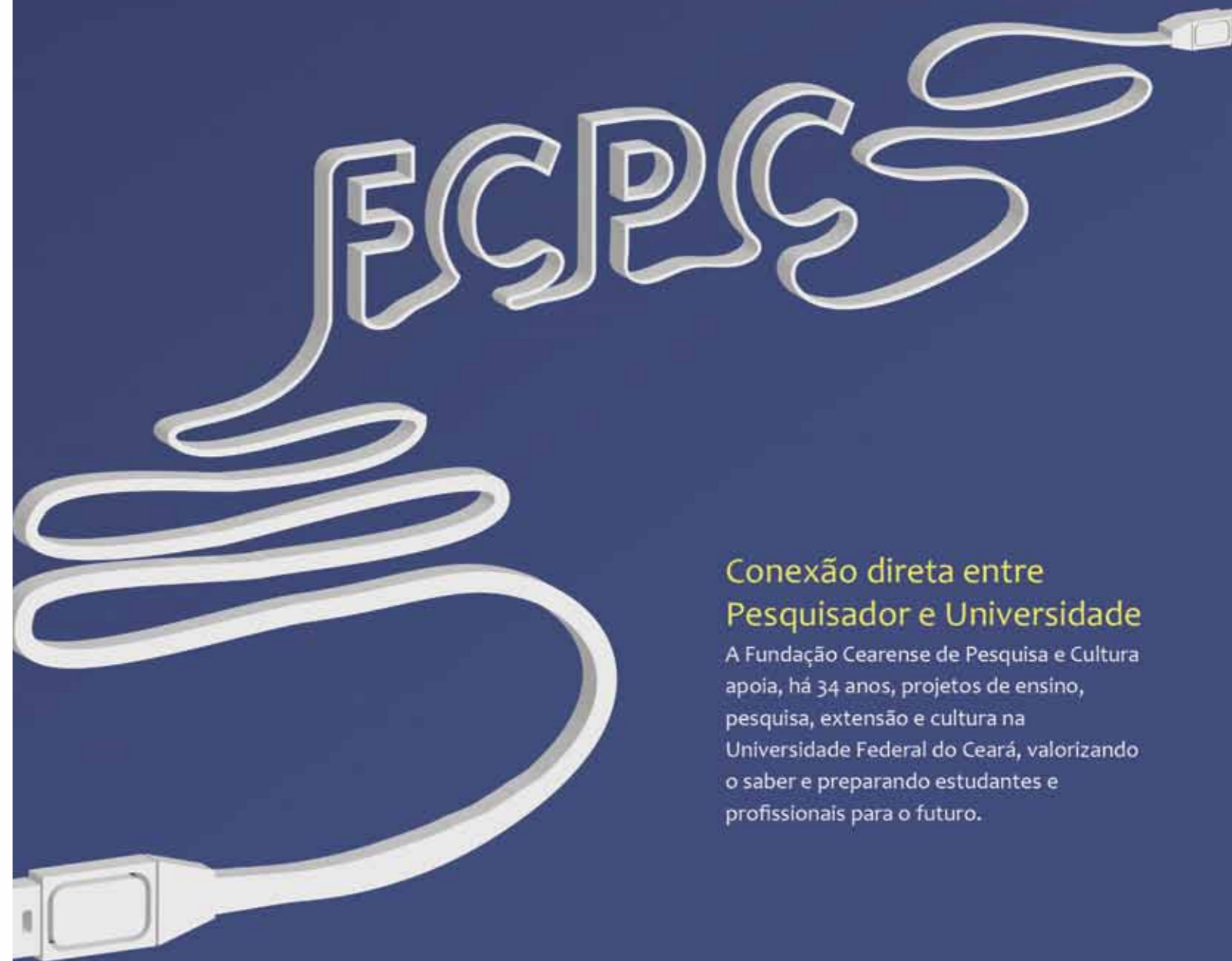
Debatedores: Ciro Gomes, Henrique Pereira, Paulo Henrique Lustosa, Luciano Matos, Antonio Rocha Magalhães, Sandro Marques, Virgílio Gibbon e Pedro Ivo.

FIP

Fórum de Ideias Inovadoras
em Políticas Públicas



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**
Instituto de Estudos e Pesquisas para o
Desenvolvimento do Estado do Ceará



Conexão direta entre Pesquisador e Universidade

A Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura apoia, há 34 anos, projetos de ensino, pesquisa, extensão e cultura na Universidade Federal do Ceará, valorizando o saber e preparando estudantes e profissionais para o futuro.

O Nordeste está passando por grandes mudanças. A maior delas é na vida de cada nordestino.

Nunca se falou tanto em Nordeste como hoje. Nossa Região bate um recorde atrás do outro, sendo reconhecida no país e respeitada pelo mundo. E nada disso seria possível sem o apoio do Banco do Nordeste. Um verdadeiro parceiro que não mede esforços para desenvolver o potencial da nossa terra. E, claro, da nossa gente.

SAC Banco do Nordeste / Ouvidoria: 0800 728 3030 - www.bnb.gov.br/faleconosco